



Universidade de Aveiro Departamento de Educação
2012

Armando Pinho Martins

Vertente sociocultural na aula de E/LE: festividades hispânicas



Armando Pinho Martins

Vertente sociocultural na aula de E/LE: festividades hispânicas

Relatório de Estágio apresentado à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino de Português no 3.º ciclo de Ensino Básico e Secundário e de Espanhol no Ensino Básico e Secundário, realizado sob a orientação científica do Professor Doutor Carlos de Miguel Mora, Professor Auxiliar do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro.

Dedico este trabalho à minha esposa e aos meus pais pelo incansável apoio.

O júri

Presidente

Prof^ª Doutora Filomena Rosinda de Oliveira Martins
Professora auxiliar do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro

Prof^ª Doutora Maria Fernanda Amaro Matos Brasete
Professora auxiliar do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro
(Arguente)

Prof. Doutor Carlos de Miguel Mora
Professor auxiliar do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro
(Orientador)

Agradecimentos

Agradeço a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para que esta investigação fosse possível, em especial:

À minha esposa, pela paciência e pelo carinho que sempre teve para comigo.

Aos meus pais, pelos constantes incentivos aquando da realização deste trabalho.

Ao meu orientador, o Professor Doutor Carlos de Miguel Mora, por toda a sua disponibilidade.

À Professora Doutora Filomena Martins, pelos seus preciosos esclarecimentos.

À Direção do Instituto de Promoção Social de Bustos, Colégio Frei Gil, pela sua colaboração e apoio.

Aos meus alunos do Colégio Frei Gil, pelo seu entusiasmo e dedicação.

Aos meus colegas de mestrado, em particular à Patrícia, à Teresa, à Sónia e à Lurdes.

A todos, muito obrigado!

Palavras-chave

Cultura, competência sociocultural, dias festivos, enfoque comunicativo.

Resumo

O Relatório Final de Estágio que agora apresentamos foi elaborado a partir de um projeto de investigação-ação, desenvolvido na componente de formação da Prática de Ensino Supervisionada, que teve como principais objetivos aprofundar o nosso conhecimento sobre aspetos socioculturais, enquanto estratégia para contribuir para o desenvolvimento nos nossos alunos de uma consciência crítica sociocultural, implementar e investigar essa mesma estratégia junto de uma turma de espanhol do 3.º Ciclo do Ensino Básico (8.º ano).

Realizámos um estudo de caso. Privilegiámos, como instrumentos de recolha de dados, a observação, dois inquéritos por questionário, em momentos diferentes, intercalados com os trabalhos realizados pelos alunos, participantes no projeto.

Os resultados permitiram-nos observar a evolução cognitiva dos alunos; estes desenvolveram uma maior consciência crítica, com espírito mais aberto a novos conhecimentos culturais, através da comparação das diferentes festividades, tradições e crenças entre países hispânicos.

Palabras-clave

Cultura, competencia sociocultural, días festivos, enfoque comunicativo.

Resumen

Este Informe Final de Práctica Docente que ahora presentamos es el resultado de un proyecto de investigación – acción, desarrollado en el ámbito del componente de formación de la Práctica Docente Supervisada, que tuvo como objetivos principales profundizar nuestro conocimiento sobre aspectos socioculturales, como una estrategia para ayudar a desarrollar en nuestros alumnos una conciencia crítica sociocultural y poder aplicar e investigar dicha estrategia con un grupo de estudiantes de español de 8º (equivalente a 2.º de E.S.O).

Realizamos un estudio de caso. Damos prioridad, como instrumentos de recolección de datos, a la observación, dos cuestionarios en diferentes momentos intercalados con los trabajos realizados por los alumnos, participantes en el proyecto.

Los resultados nos permitieron observar la evolución del conocimiento de los alumnos, quienes lograron una conciencia más crítica con un espíritu abierto a los nuevos conocimientos culturales, a través de la comparación de las diferentes festividades, tradiciones y creencias entre los países hispánicos.

Keywords

Culture, socio-cultural skill, holidays, communicative approach.

Abstract

The final traineeship report we now present was written based on an investigation-action project developed in the training component of Supervised Teaching Practice, that had as main objectives to study in depth our knowledge about socio-cultural aspects as a strategy to contribute to the development of a critical socio-cultural conscience in our students, and to implement and investigate that same strategy in a Spanish class in the 8th year (2nd year of secondary education).

We have carried out a case study. As instruments of data gathering we have privileged observation, two inquiries by questionnaire in different moments interspersed with the works done by the students, participants in the project.

The results allowed us to observe the cognitive evolution of the students that became more critically aware, more open-minded about new cultural knowledge through the comparison of different festivities, traditions, beliefs among Hispanic countries.

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO.....	1
------------------------	----------

PARTE I

Enquadramento teórico.....	5
-----------------------------------	----------

CAPITULO I:

1. A competência sociocultural.....	6
1.1. A cultura como agente de comunicação.....	7
1.2. Abordagem à componente sociocultural.....	10
1.3. Características da cultura: Particularidades.....	13
1.4. Enfoque comunicativo.....	15
1.5. Enfoque por tarefas/projeto.....	17
1.6. Quadro Comum Europeu de Referência para as Línguas.....	18
1.7. Programas do Ministério de Educação.....	19
1.8. Papel da Cultura na aula.....	21
1.9. Culturema.....	24
1.9.1. Partilhados.....	25
1.9.2. Específicos.....	26

CAPITULO II:

Os dias festivos numa perspetiva sociocultural.....	27
1. Dias festivos como forma de conhecer um povo.....	28
2. Integração dos dias festivos na sala de aula.....	29

PARTE II

Prática pedagógica.....	30
--------------------------------	-----------

CAPITULO I:

1.Enquadramento e apresentação do estudo.....	32
--	-----------

1.1. Contexto da emergência.....	32
1.2. Questões e objetivos.....	33
1.3. Opções metodológicas.....	35
1.3.1. Investigação-Ação.....	35
1.3.2. Método qualitativo.....	36
2. Apresentação do programa de intervenção.....	38
2.1. Caracterização do contexto socioeducativo.....	38
2.1.1. Meio.....	39
2.1.2. Escola.....	40
2.1.3. Turma.....	44
2.1.4. Aula.....	45
2.1.4.1. Descrição das sessões do projeto de intervenção.....	47
2.1.4.1.1. Sessão 1.....	47
2.1.4.1.2. Sessão 2.....	48
3. Procedimentos de recolha e de tratamento de dados.....	49
3.1. A observação direta.....	49
3.2. O inquérito por questionário.....	50
3.2.1. O processo de aplicação do inquérito por questionário.....	53
3.2.2. A análise de conteúdo.....	53

CAPITULO II:

1. Análise de dados e interpretação de resultados	55
1.1. Metodologia de análise de dados.....	56
1.2. Análise e discussão dos resultados.....	58
1.2.1. Significado de Cultura de uma língua estrangeira.....	58
1.2.2. Semana Santa.....	61
1.2.2.1. Comemoração da Semana Santa em países hispanos.....	61
1.2.2.2. Opinião sobre as comemorações da Semana Santa.....	63
1.2.3. Contribuição das aulas para a aprendizagem	66

CONCLUSÃO.....	70
Limitações ao estudo.....	73
Sugestões de investigação.....	73

BIBLIOGRAFIA/WEBGRAFIA.....	76
-----------------------------	----

ANEXOS.....	86
-------------	----

Índice de quadros

Quadro 1 – Síntese das Sessões.....	34
Quadro 2 – Síntese das Sessões.....	46
Quadro 3 – Objetivos e perguntas do questionário.....	52
Quadro 4 – As categorias e subcategorias de análise.....	57
Quadro 5 – Palavras mais empregues nos inquéritos.....	60
Quadro 6 - Comparação Inquérito Inicial e Final.....	62
Quadro 7 – Comparação Inquérito Inicial e Final.....	64
Quadro 8 – Contributo inicial e final.....	66

Índice de diagramas

Diagramas 1 – Etapas de elaboração do inquérito por questionário.....	51
Diagramas 2 – variáveis em estudo.....	56
Diagramas 3 – Abordagem na evolução da Transmissão de Conhecimentos no Ensino de dias festivos de uma Língua Estrangeira.....	75

Índice de figuras

Figura 1 – Mapa do Conselho de Oliveira do Bairro.....	40
Figura 2 – Instituto de Promoção Social de Bustos – Colégio Frei Gil.....	42

Índice de gráficos

Gráfico 1 – Idade dos Pais.....	44
--	----

Gráfico 2 - Habilitações Literárias dos Pais.....	44
Gráfico 3 - Situação Profissional dos Pais.....	44
Gráfico 4 - Com quem vive o aluno.....	45
Gráfico 5 - Número de Irmãos.....	45
Gráfico 6 - Palavras mais utilizadas no Inquérito Inicial.....	59
Gráfico 7 - Palavras mais empregues no Inquérito Final.....	59
Gráfico 8 - Comparação Inquérito Inicial e Final.....	63
Gráfico 9 – Inquérito Inicial.....	65
Gráfico 10 - Inquérito Final.....	65
Gráfico 11 – inquérito inicial.....	67
Gráfico 12 – inquérito final.....	68

Índice de anexos

Anexo 1 – Inquérito Inicial.....	87
Anexo 2 – Ficha de Trabalho 1.....	88
Anexo 3 – Ficha de Informação 1.....	89
Anexo 4 – Ficha de Trabalho 2.....	91
Anexo 5 – Ficha de Informação 2.....	94
Anexo 6 – Ficha de Trabalho 3.....	96
Anexo 7 – Ficha de Trabalho 4.....	97
Anexo 8 – Inquérito Final.....	98
Anexo 9 – Categoria – Inicial.....	99
Anexo 10 – Categoria – Final.....	101

INTRODUÇÃO

A aprendizagem de uma língua é, sem dúvida, o primeiro passo para o conhecimento de uma comunidade, pois, como veremos ao longo deste trabalho, não se limita à aquisição de estruturas gramaticais e linguísticas que permitem articular frases lógicas e possibilitam a comunicação. De facto, uma língua encerra muitas outras componentes para além da linguística. Senão vejamos.

Os seres humanos desde o início da sua existência têm travado relações múltiplas entre si, quer expansionistas, quer dominadoras, quer comerciais, quer profissionais, quer pessoais, etc. Assim, não se confinaram ao conhecimento da sua própria cultura como forma de evolução e crescimento; precisaram sempre de comparar-se, e para isso tiveram que investir no conhecimento de culturas alheias para favorecimento dos seus diversos objetivos, nomeadamente das relações interpessoais de habitantes de uma comunidade ou de países diferentes.

Esta convivência permitiu não só a aprendizagem de novas culturas, mas também a aprendizagem de novas línguas; por conseguinte, língua e cultura revelam-se partes indissociáveis de interação humana. Podemos afirmar que a língua faz parte da cultura de cada povo e vice-versa, e que ambos são essenciais e necessários para o conhecimento e propagação de uma Língua Estrangeira.

A capacidade linguística não é suficiente para que o aprendente de uma língua se torne nela competente, já que, como disse Baker (1997), uma língua sem a cultura é como um corpo sem coração.

Este trabalho tem como objetivo compreender de que forma o estudo dos dias festivos nas aulas de E/LE pode contribuir para o desenvolvimento da competência sociocultural, tendo em conta que, cada vez mais, os alunos estão desmotivados para a aprendizagem, revelando algumas lacunas a nível cultural.

O conhecimento e valorização dos diferentes elementos formadores da cultura motivaram e direcionaram a nossa vontade de dissertação sobre a cultura em língua espanhola. Hoje em dia, face aos valores instalados nas sociedades contemporâneas, nomeadamente nas ocidentais e, em particular, na nossa, é mais do que evidente que o interesse, por exemplo, pela língua espanhola tem vindo a crescer junto da população escolar. As próprias autoridades educativas estimulam e contribuem com os meios necessários – nomeadamente, através da abordagem de temas como a discriminação, a emigração, a importância da língua e, portanto, das diversas culturas – para que as ideias

de integração socioeconómica e evolução sociocultural sejam uma realidade para o indivíduo ambicioso e empreendedor. Além disso, a noção de festa que *festividade* sugere faz com que o tema do trabalho seja um elemento cativante, capaz de prender a atenção e despertar a curiosidade para ir mais além. Valorizar os dias festivos, que pela sua conotação convidam a uma aproximação natural, possibilita e permite o alargamento do conhecimento.

Porém, face às limitações existentes, procurámos o enfoque do relacionamento festivo entre as pessoas, isto é, deixámos de parte a sua origem e evolução históricas. Assim, o tema central desta tese é a vertente sociocultural no Ensino do Espanhol/Língua Estrangeira: “Festividades hispânicas”.

O “Natal”, a “Semana Santa” e o “Dia da Hispanidade” são as festividades escolhidas. Porquê duas de origem religiosa? Simplesmente pela nossa formação cristã, num lar de sólidos valores religiosos. O “Dia da Hispanidade” surge como uma forma criativa e adicional de ampliar um encontro multicultural neste projeto de partilha de dias festivos.

Rito ou religiosidade? Menino Jesus ou Reis Magos? Crenças diferentes? Qual o léxico novo? Qual o seu significado? Estas são perguntas que abrangem o nosso tema de análise. A fim de analisarmos esta problemática, estruturámos o relatório em duas partes, que passamos a descrever.

Na primeira parte, trataremos do enquadramento teórico em que se insere o nosso tema: a cultura perspectivada de diferentes pontos de vista; as suas características; o enfoque comunicativo; o enfoque por tarefas como forma de trabalhar a componente sociocultural; as diretrizes do Quadro Comum Europeu de Referência para as Línguas (QCERL) e do Programa do Ministério de Educação, assim como a componente sociocultural dentro da sala de aula; os culturemas e a abordagem dos dias festivos em aula de Língua Estrangeira numa perspetiva sociocultural.

Na segunda parte, falaremos sobre o enquadramento e a apresentação do estudo, enumerando as opções metodológicas usadas e os instrumentos de investigação; a apresentação do programa de intervenção, onde nos debruçaremos sobre o contexto educativo, desde o meio onde se insere às sessões de aplicação do referido programa de intervenção; os procedimentos de recolha e tratamento de dados, isto é, a sua análise e interpretação.

Não deixa de ser importante a reflexão pessoal e o desejo de poder ser uma base fiável para muitas outras propostas de estudo, dentro do campo abrangente da cultura, no ensino do espanhol.

Este tema partiu do interesse do autor, por ter trabalhado com este conteúdo cultural ao longo da sua vida profissional, e de forma paralela como catequista de muitas gerações de crianças e adolescentes. Por outro lado, toda a investigação se estruturou partindo do princípio que os alunos teriam pouca informação sobre este tema e que poderia ser uma mais-valia para a sua formação, assim como para o desenvolvimento da língua.

Espero que este trabalho nos dê a possibilidade de partilhar com os nossos alunos o produto do nosso trabalho de superação profissional, permitindo-nos uma maior aproximação à componente sociocultural de indiscutível importância, assim como usufruir e utilizar uma simbologia cultural, através do conhecimento de crenças e valores de uma sociedade.

PARTE I

Enquadramento Teórico

CAPÍTULO I

A competência sociocultural

*“Todas as culturas são um esforço de reflexão
sobre o mistério do mundo e, em particular,
sobre o mistério do homem:
é uma maneira de dar expressão à
dimensão transcendente da vida humana.”*

João Paulo II

1.1. A cultura como agente de comunicação

A cultura, perspectivada como agente de comunicação, pode ser explorada nas suas múltiplas e interessantes definições, dentro do processo de ensino-aprendizagem. O conceito de cultura não pode ser único, porque evolui ao longo dos tempos e tem sido constantemente alvo de análise por parte de uma infinidade de linguistas. Vejamos, antes de mais, a origem do termo.

A palavra *cultura* deriva, etimologicamente, do latim *cultura, ae* – “cultura do espírito” e, em sentido figurado, “vindo de cultura agrícola”. O termo *cultura* tem, em latim, a mesma raiz de *cultus, -a, -um*, “cultivado”, particípio passado do verbo *colo, is, ere*, “cultivar”. Na sua origem latina, tal como em português, esta palavra remete para a área da agricultura, significando o cultivo dos campos e o cuidado dedicado aos animais.

Pertinente é também a definição de cultura dada pelo dicionário da Real Academia de Espanha, que, por um lado, apresenta a cultura como um conjunto de conhecimentos que permite desenvolver o pensamento crítico e, por outro lado, remete para todo um conjunto de estilos de vida e costumes, conhecimentos e grau de valor artístico, científico, industrial, numa época / grupo social.

Mas qual o real significado da palavra “cultura”?

A compreensão dos aspetos culturais de uma língua assume-se como a alavanca principal para o sucesso da sua aprendizagem, pelo que nos devemos deter um pouco mais na sua contextualização. Para tal, torna-se imprescindível conhecer alguns conceitos do termo *cultura*, já que este possui um leque abrangente de conceitos e de definições. Posteriormente, trataremos da influência da cultura na comunicação e da desconstrução de estereótipos dos aspetos culturais.

No final do século XVIII, surge na Alemanha e na França a noção de cultura conceituada com os termos “Kultur” e “Civilisation”, respetivamente. A palavra “Kultur” era usada para apontar todos os aspetos relacionados às causas espirituais da comunidade, enquanto os franceses utilizavam o termo “Civilisation” para designar as produções materiais de um povo.

Posteriormente, esses dois termos foram simplificados numa só palavra por Edward Tylor (1832 – 1917), dando origem a “Culture”. Ele definiu cultura como sendo

“(…) esse conjunto complexo que inclui os conhecimentos, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes, e todas as outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade” (Tylor, 1871/1877:11).

Segundo esta teoria, podemos considerar a cultura como uma conexão entre o pensamento e a conduta dos indivíduos. Por outras palavras, a cultura está estreitamente relacionada com os seres humanos, posto que cada sociedade desenvolve a sua própria cultura, e cada cultura tem as suas características especiais, dependendo de variáveis como a religião, a raça, a natureza, etc. A cultura inclui elementos da vida diária e controla o comportamento das pessoas. Desse modo, conseguimos atuar e ser coerentes na sociedade. No fundo, cultura assume-se como um reflexo da idiosincrasia de cada povo, um reflexo das suas origens e das suas convicções.

Este conceito, visto como um conjunto de saberes adquiridos em sociedade, quer na teoria, quer na prática, prevaleceu durante muito tempo e estimulou novas pesquisas para a definição do termo, até chegar às definições atuais que seguem a mesma linha de pensamento.

Segundo Brislin¹ (1990:11), cultura define-se como

“(…) el conjunto de actitudes, creencias, maneras de ver, comportamientos, recuerdos comunes a los miembros de esa comunidad. La cultura da cuenta de los ideales, valores, formación, categorías prácticas, hipótesis de vida ampliamente compartidas, actividades para fines precisos, (...)”

Desta forma, a cultura é vista como o património de um povo, que se adquire com o tempo e com a aprendizagem da língua, que se herda e se transmite às gerações vindouras. Esse património é marcado pelas transformações da sociedade multicultural e evolutiva, da moda, da evolução tecnológica, das ideologias, das artes e das letras, entre outros. A cultura é constituída por símbolos, que estão inseridos num determinado contexto e que oferecem informações prévias sobre a ação linguística. Em síntese, são tomadas em conta as influências sociais, a herança cultural e o meio onde se desenvolvem.

Miquel López (2004) associa também a cultura a um conjunto de crenças, símbolos, superstições e pressuposições, bem como de ações, todos eles relacionados com as interações comunicativas; assim sendo, a cultura está, ainda, intimamente relacionada com o ato comunicativo, concreto e efetivo. No entanto, importa realçar que ninguém possui

¹ In *Applied Cross-Cultural Psychology*, citado por Guillén Díaz, C. (2004): *Los contenidos culturales*, in Sánchez Lobato (coords.), *Vademécum para la formación de profesores*, Madrid: Sgel, p. 840.

todo o conhecimento cultural: cada um possui, apenas, uma ínfima parcela desse conhecimento.

Relacionar cultura e sociedade industrializada parece-nos deveras importante. Em primeiro lugar, porque tem em conta a existência de subculturas (fala-se hodiernamente de culturas geracionais, profissionais, regionais, etc.). Cada pessoa possui uma parte desta cultura, uma identidade social, que varia segundo a idade, o sexo, o estado civil, a classe social, a religião, a profissão, etc.

Como já foi mencionado, todos possuem uma parcela desse conhecimento, uma “subcultura”, segundo Denis (2009), ou um “capital cultural”, segundo Bourdieu.

Assim, a “subcultura” refere-se à cultura que cada um possui, à identidade social que varia, como já referimos, de acordo com uma série de fatores.

Por outro lado, “capital cultural” é um conjunto de conhecimentos, conscientes ou não, de bens simbólicos que se partilham com os outros. Este capital cultural pode ser modificado, ampliado e enriquecido através da aprendizagem de uma nova língua.

Por sua vez, Galisson² (1999) fala de dois tipos de cultura: a *cultura culta* – a cultura cultivada, institucional, literária, artística, científica, técnica, com carácter enciclopédico, aprendida e dominada por poucos – e a *cultura popular* – referindo-se a um saber fazer e um saber ser e estar com os outros no quotidiano.

Consideramos estes dois tipos de cultura importantes, porque não deixam de ser imprescindíveis e, em simultâneo, complementares.

Por sua vez, Poyatos (1994: 25-26) corrobora a ideia mencionada anteriormente, ao afirmar que a cultura se pode definir como

“una serie de hábitos compartidos por los miembros de un grupo que vive en un espacio geográfico, aprendidos pero condicionados biológicamente, tales como los medios de comunicación (de los cuales el lenguaje es la base), las relaciones sociales a diversos niveles, las diferentes actividades cotidianas, los productos de ese grupo y cómo son utilizados, las manifestaciones típicas de las personalidades, tanto nacional como individuales, y sus ideas acerca de su propia existencia y la de otros miembros”.

Partindo desta definição, atrever-nos-íamos a dizer que a cultura é a impressão digital de cada povo, uma vez que espelha a sua origem, os seus traços biológicos, assim

² In *La Formation en questions*, citado por Guillén Díaz, C. (2004: 841): *Los contenidos culturales*, in Sánchez Lobato (coords.), *Vademécum para la formación de profesores*, Madrid: Sgel.

como as suas marcas de personalidade e os hábitos desenvolvidos. Pensemos que é fácil encontrar duas ou mais culturas semelhantes, mas impossível encontrar duas iguais, tendo em conta as inúmeras particularidades e condições de evolução de cada comunidade.

Aprender uma língua tem como principal objetivo a comunicação e a interação, e o seu estudo é muito mais do que aprender os conteúdos gramaticais e lexicais. Assim, língua e cultura são indissociáveis. Para ensinar uma língua, é imperativo saber ensinar a cultura que lhe é intrínseca.

Guillén Díaz (2004), conhecida filóloga, é de opinião que ao estudar uma língua estrangeira e os seus aspetos culturais, o aluno adquire o saber-fazer e o saber-estar nas relações com os outros. Aprende também a interagir com o outro, procura e compreende aspetos culturais inerentes ao ato comunicativo e descobre valores diferentes e próprios da sua cultura, pois, ao conhecer uma nova cultura, o indivíduo toma consciência da sua e aprende a respeitar a diferença.

1.2. Abordagem à componente sociocultural

É fundamental não ver os elementos culturais como elementos isolados, sem relação entre si, pelo que importa encontrar sistemas e microssistemas em que se inserem para poder detetar o tecido das relações que têm, com vista à comunicação verbal.

Sendo a cultura constituída por elementos de entes diversos que têm a ver com a existência humana - pois só o Homem possui o dom da palavra, da linguagem, da expressão, da organização comunitária, da hierarquização social e institucional -, devemos ter presente que se observa a existência de uma série de elementos antropológicos, sociolinguísticos e etnográficos considerados como unidades de análise das diferentes culturas, tal como diz Miquel López (2004: 3):

“el conjunto de informaciones, creencias y saberes, objetos y posiciones de esos objetos, modos de clasificación, presuposiciones, conocimientos y actuaciones (rituales, rutinas, etc.) socialmente pautados que confluirán en cualquier actuación comunicativa y que harán que ésta sea adecuada o premeditadamente inadecuada”.

Todos estes elementos se expressam em maior ou menor intensidade nas interações comunicativas e confluem numa competência sociocultural. Senão, veja-se.

As *crenças*, por exemplo, impõem-se como uma força de verdade aos membros de uma cultura. Um terreno fácil para estudar as crenças é o das superstições, mas também o dos remédios e o das ideias que se difundem, assim como o de determinadas concepções, que afetarão decididamente os atos de fala e, portanto, o discurso. A título de exemplo, para os Espanhóis, os Reis Magos são os portadores de prendas para os meninos; fala-se dos Reis Magos às crianças para que estas se comportem corretamente dias antes do dia 5 de janeiro; diz-se também a estas que não se levantem nessa noite porque não devem ver os Reis.

Um dos elementos do substrato cultural fácil de detetar é a análise das categorias e taxonomias que, sobre a realidade, estabeleceu cada cultura, a que se chama *modos de classificação*. Cada cultura fragmenta e organiza a realidade à sua maneira. Os modos de classificação afetam uma grande variedade de elementos culturais. Muitos fenómenos estão sujeitos a uma classificação, isto é, a uma divisão em partes ou categorias: os apelidos, as relações familiares, como primos, tios, etc. Conhecer os modos de classificação permite orientar-nos rapidamente no contexto. A cultura é a organização do caos que é a realidade. Por essa razão, uma boa parte da cultura é a classificação do mundo, organizando-o em categorias implícitas que, na maior parte dos casos, não são visíveis, mas permitem uma organização mais eficaz. A descoberta dos modos de classificação será, pois, um objetivo muito importante a trabalhar no âmbito da componente sociocultural nas aulas de língua estrangeira.

As *atuações* têm a ver com as interações comunicativas: conhecem-se os gestos associados às saudações, sabe-se que no dia do aniversário quem convida é o aniversariante, etc. Nenhuma destas *atuações* é universal. Quando se atua de acordo com os códigos culturais, produz-se uma certa invisibilidade da mesma atuação.

As *pressuposições* são mais sombrias, pois atuam na mente dos falantes que partilham a mesma componente sociocultural. No entanto, estão na mente e no sentir de todos antes da comunicação. As pressuposições dominam os atos de fala, são normas inconscientes, criadas e partilhadas pelos membros de uma determinada cultura, cujo cumprimento é esperado por todos. Temo-las tão interiorizadas, que saem espontaneamente. Contudo, se o intercâmbio comunicativo não as tem em conta, imediatamente não se cumprem. Todas as pressuposições se projetam diretamente cada vez que se inicia uma interação comunicativa.

Podemos, segundo refere Miquel López, tomar como exemplo os alimentos. Escolhamos as lentilhas que como as uvas têm, em alguns países latino-americanos, uma conotação similar, para ilustrar os conceitos que acima introduzimos. Acredita-se que comer lentilhas traz sorte, pois, como é um alimento que cresce, faz a pessoa crescer também, pelo que simbolizam abundância, prosperidade e dinheiro. Por outro lado, no âmbito das crenças, o comer as lentilhas na noite do dia 31 de dezembro é prenúncio de boa sorte. Esta crença apresenta-se com tal classificação apenas na noite de fim de ano. Portanto, faz pressupor que todos os que partilhem a ceia conhecem e partilham este ritual. Então, todos os comensais, nessa noite, se certificam de comer as lentilhas. A interação comunicativa poderá resultar em: - *Não posso esquecer-me de comer as lentilhas*; - *Tenho que deixar espaço para as lentilhas...*; - *Já preparaste as lentilhas?*.

Todos estes elementos da componente sociocultural estão relacionados entre si, criando microssistemas que por sua vez formam o sistema cultural.

A chave da análise da componente sociocultural reside na capacidade de distanciamento da mesma e da possibilidade de relacioná-la com outras componentes socioculturais.

Neste sentido, a aula de língua estrangeira consegue ser um espaço privilegiado de interação cultural, onde se pode criar e desenvolver os processos de sensibilização e recreação de diferentes situações enriquecedoras, incrementando habilidades para superar barreiras linguísticas e culturais.

Através de toda esta série de ações, reconhece-se a pertinência do tema e de quão ele é primordial para a realidade escolar e para a lecionação, particularmente a das línguas estrangeiras, transmissoras dos diversos elementos culturais que representam e evocam.

Assim sendo, e à medida que nos aproximamos da componente sociocultural, podemos constatar que os dias festivos são cruciais para a obtenção de conhecimentos / informações, crenças, saberes e rituais. A partir desse conhecimento, surge a interação comunicativa com essa identidade sociocultural, que favorece positivamente o desenvolvimento humano.

1.3. Características da cultura: particularidades

No parecer de Samovar, Porter e Stefani (1998), a cultura apresenta determinadas particularidades:

a) A cultura é aprendida

A cultura não é fruto dos instintos, mas, sobretudo, adquirida com a aprendizagem, a vivência em sociedade, sendo transmitida de geração em geração, através da linguagem, escrita e/ou falada.

De facto, para que a cultura exista e permaneça, urge que determinadas informações sejam enraizadas e difundidas no tempo. Neste contexto, importa realçar o valor crucial da comunicação, que transforma a cultura num processo em continuidade espacial e temporal.

Hoje, vivem um período de apogeu as procissões da Semana Santa, por exemplo, em Andaluzia, tradição que teve a sua origem no final da Idade Média.

b) A cultura é baseada em símbolos

Conforme os autores supramencionados “ (...) a cultura sem a língua é impensável, porque é a linguagem que torna possível o intrincado sistema a que chamamos cultura.” A língua possibilita às pessoas comunicarem os seus desideratos e, deste modo, organizar as suas experiências dentro de categorias abstratas e expressarem os pensamentos nunca antes manifestados. Os símbolos usados em cada cultura apresentam uma multiplicidade de formas. As culturas podem usar a linguagem oral, escrita e ações não-verbais, como símbolos. A mente, os livros, os manuscritos, os jornais, as gravuras, os filmes, os vídeos, os CD's de computador permitem à cultura preservar o que é importante e pertinente para ser transmitido. A cultura é, portanto, um bem inestimável, acumulativo, simbólico, perdurável e a expressão mais significativa da evolução da história humana nos tempos considerados. Símbolos importantes dão vida ao exemplo citado no ponto anterior: a “cofradía”, a “cruz de guía”, o “cirio”, o “incienso”, que ajudam a tornar a Semana Santa em Andaluzia uma das maiores manifestações culturais do ano.

b) A cultura é dinâmica

A cultura é um sistema dinâmico, não existe num vazio; logo, é passível de modificação e evolução. Segundo Laraia (2004), existem dois tipos de mudança cultural: uma interna, resultante da dinâmica do próprio sistema cultural, e outra, o resultado do

contacto de um sistema cultural com outro. Samovar, Porter e Stefani (1998) afirmam que, embora muitos aspetos da cultura estejam sujeitos à mudança - roupas, alimentos, transportes -, existem, por outro lado, valores associados à ética, à moral, ao trabalho, ao lazer, às práticas religiosas, ao comportamento, que se encontram profundamente embebidos da cultura e persistem de geração em geração, resistindo às maiores alterações.

Na América, nos países latino-americanos, a Semana Santa, chamada também a “Semana Mayor”, parece ter sido sujeita a mudança; hoje, é mais uma *Semana de Descanso* (itálico nosso), apesar de se tentar que continuem vivos os símbolos religiosos.

c) A cultura é adaptável

A cultura é um processo em constante mutação originado por alterações de valores, de leis, de conflitos entre os países. As novas condições e contextos desencadeiam mudanças culturais e vice-versa. A inserção da mulher no mercado de trabalho, que mudou a ideia de que esta deveria ficar em casa só a cuidar dos filhos e das tarefas domésticas, emancipando-a, é um exemplo cabal.

Outro exemplo: a emigração em vários países europeus originou múltiplas heranças na cultura, na alimentação, nos hábitos e costumes dos povos latino-americanos.

d) A cultura é integrada

A cultura deve ser considerada holisticamente. As funções desta são um todo integrado: se atingidas nalguma parte, todo o resto é afetado. Por exemplo, valores, como o materialismo, influenciam fatores, designadamente, o tamanho das famílias, a ética profissional, os valores espirituais, entre outros que edificam o conceito de cultura no seu todo.

Acontece, por exemplo, se a maioria decide ir descansar na “Semana Mayor” para a praia, em família. Pouco a pouco, a sociedade aceita essa mudança. No entanto, tentem no Domingo de Páscoa, uma tradição muito característica, juntar-se em família e conviver.

e) A cultura é etnocêntrica

O etnocentrismo é a característica que está mais intimamente relacionada com a comunicação intercultural. Pode definir-se etnocentrismo como o nome técnico para a visão das coisas nas quais um grupo é o centro de tudo e, todos os outros são avaliados e julgados, tendo como referência esse grupo.

A maioria dos antropólogos concorda que o etnocentrismo pode ser encontrado em qualquer cultura. Estes afirmam que a tendência para perspetivar as coisas a partir do seu próprio ponto de vista é muito natural e, a não ser que seja levada ao extremo, pode ter efeitos positivos. O etnocentrismo é, geralmente, um ponto de partida para arquitetar a identidade pessoal e cultural.

Por outro lado, o etnocentrismo resvala para uma condição negativa e, inclusive, deletéria, quando é usado como arma para a exclusão, fornecendo bases para avaliações pejorativas, impondo deste modo resistência às mudanças, originando estereótipos. Tal como a cultura, o etnocentrismo, muitas vezes, é aprendido num nível inconsciente.

Todas estas características são observáveis no discurso - na comunicação -, portanto em manifestações, enunciados ou atos de fala contextualizados e desenvolvidos na sala de aula, dando ênfase, deste modo, ao enfoque comunicativo – isto é, à expressão oral.

O Dia da Hispanidade, 12 de outubro, apesar de unir os povos latino-americanos e espanhóis na sequência de diversas comemorações da cultura hispânica, vai tendo diferentes aceções, por vezes, de índole político; pode um país considerar não festejar este Dia da Hispanidade com esse nome, por não o considerar legítimo e sim, por exemplo, festejá-lo como o Dia da Resistência Indígena, como o início da luta da sobrevivência do indígena no seu território, da luta contra o invasor.

1.4. Enfoque Comunicativo

Antes do aparecimento do enfoque comunicativo, o aspeto cultural era algo secundário no ensino de línguas. Encontrava-se nos manuais e em outros materiais didáticos, mas de forma descontextualizada, a sua função era unicamente ilustrativa. Eram apresentados estereótipos, arquétipos, que reforçavam a ideia preconcebida, superficial e vaga que se tinha da cultura de um povo. Por exemplo, os únicos elementos da gastronomia espanhola eram a paelha e a sangria, que funcionavam como um estereótipo.

Segundo Guillén Díaz (2004), o estereótipo é uma simplificação da realidade e, na maioria das vezes, está pouco relacionado com a vida quotidiana do povo em causa.

Começou, então a dar-se importância à cultura com o aparecimento do enfoque comunicativo, resultado do trabalho de todo um conjunto de várias disciplinas, a partir da

reflexão de “todo aquello que implica el uso lingüístico en un contexto social determinado” (Saville-Troike, 1989: 23)³.

O enfoque comunicativo germina de uma pesquisa mais exaustiva e profunda dos princípios que regem a comunicação, de como esta pode ser aprendida e de como deve ser ensinada. Como tal, aquele deve ter presente a análise dos comportamentos, das rotinas, do uso da língua num determinado contexto. Por outro lado, a cultura aparece intimamente ligada à língua, fazendo parte da componente comunicativa. Ela está sempre presente no ato comunicativo, ou seja, na interação entre os indivíduos quer pela forma verbal quer pela forma não-verbal. Mesmo que as línguas sejam próximas ou até vizinhas há diferenças no ato comunicativo de cada uma delas. Estas encontram-se evidenciadas nas suas componentes socioculturais. Por conseguinte, ao falarmos do Espanhol deveremos trabalhar a componente sociocultural porque é uma forma de enriquecer e estimular a aprendizagem do aluno, na medida em que o coloca em contextos reais e interativos de comunicação.

O objetivo do enfoque comunicativo é, como mencionámos anteriormente, desenvolver a competência comunicativa, isto é, a capacidade de atuar adequadamente nas mais diversas situações comunicativas. Para além disso, pretende desenvolver e ampliar estratégias de aprendizagem e simultaneamente a interação comunicativa. Assim, o aluno emprega a língua para solicitar e fornecer informações, partilhar ideias, gostos, sentimentos e opiniões e relacionar-se nas diferentes situações de comunicação. A partir de material autêntico e contextualizado, seleciona os recursos necessários, interage com os colegas e descobre paulatinamente os usos da língua. E, ao usar a língua, usa a cultura que aquela transmite e evoca.

A dimensão afetiva é importante, já que aprender uma cultura através de uma língua é também, e sobretudo, querer descobrir o outro, assim como aceitar implicações a nível pessoal, com o que se vai descobrindo no outro.

Com o aparecimento do enfoque comunicativo, torna-se necessário e imperativo rever e reformular os programas, manuais e formas de ensinar, sobretudo quando se começa a falar em tarefas e enfoque por tarefas.

³ In *The Ethnography of Communication*, citado por Miquel López, L. (2004): *La subcompetencia sociocultural*, in Sánchez Lobato (coords.), *Vademécum para la formación de profesores*, Madrid: Sgel, p. 513.

1.5. Enfoque por tarefa /projeto

Este enfoque por tarefas centraliza-se na forma de organizar, sequenciar e realizar atividades na sala de aula. É uma proposta inovadora que surge na década de oitenta, e a sua característica principal é a possibilidade duma comunicação real entre os discentes, com tarefas que devem ser interessantes, motivadoras e cuja principal finalidade é levar os alunos a adquirir a competência comunicativa de uma forma mais efetiva e determinante.

Nunan⁴ (1989: 10) define *tarefa* como

“(…) una unidad de trabajo en el aula que implique a los aprendices en la comprensión, manipulación, producción o interacción en la L2 mientras su atención se halla concentrada prioritariamente en el significado más que en la forma.”

As tarefas constituem um conjunto de atividades, as quais envolvem o uso de muitos conteúdos e o desenvolvimento das competências essenciais. Estas devem ser representativas dos atos comunicativos da vida real, levando os alunos a participar ativamente no seu processo de aprendizagem, ao nível da compreensão, produção e interação na língua estrangeira, e estar em consonância com as suas necessidades, os seus interesses. O professor, ao planear a tarefa, tem em conta os objetivos e os conteúdos a desenvolver, em conformidade com a turma, e propõe uma atividade final a realizar pelos alunos, que serão objeto de uma avaliação. Ao estar intimamente implicado no seu processo de aprendizagem, o aluno participa em grupo, interage com os outros e desenvolve as competências essenciais, incluindo os valores da responsabilidade, criatividade e autonomia.

Dois grandes investigadores deste tipo de enfoque, Estaire e Zanón (1990)⁵ propõem seis passos na programação de uma unidade didática:

1. Escolha do tema / áreas de interesse;
2. Programação de tarefas finais;
3. Especificação de objetivos;
4. Especificação de componentes (temáticas e linguísticas) necessárias para a realização das tarefas finais;

⁴ In Designing Tasks for the Communicative Classroom, citado por Melero Abadía, P. (2000): *Métodos y enfoques en la enseñanza / aprendizaje del español como lengua extranjera*, Madrid: Edelsa.

⁵ In El diseño de unidades didácticas mediante tareas: principios y desarrollos, citado por Ribeiro, L. e Quiroga, V. (2010): *O ensino do espanhol em cursos superiores de tecnologia: propostas com o enfoque por tarefas*.

5. Programação das tarefas possibilitadoras e de comunicação necessárias para a execução das tarefas finais;

6. Avaliação agrupada como parte do processo de aprendizagem.

Nesta sequência, e com a finalidade de manter o aluno motivado e interessado, os materiais a utilizar na realização de tarefas devem ser, segundo Mercedes Peña (2004), preferencialmente, autênticos, visto que se mantêm fiéis à realidade fora do contexto da sala de aula, apresentando, deste modo, a língua de forma natural e atualizada.

Ao falar em enfoque por tarefas, não podemos esquecer os projetos, na medida em que também se encontram relacionados com o enfoque comunicativo. Os projetos são conjuntos de tarefas mais abrangentes. Começa-se por definir o tema, de acordo com os interesses dos participantes, segue-se a elaboração de um esquema, a calendarização do trabalho e a distribuição dos papéis, a pesquisa da informação e o tratamento da mesma, a redação de um texto e a sua exposição à turma e, por fim, a avaliação do mesmo.

Qualquer tarefa ou projeto deve estar relacionado com o programa do Ministério da Educação e seguir as orientações fornecidas pelo Quadro Comum Europeu de Referência para as Línguas.

1.6. Quadro Comum Europeu de Referência para as Línguas

A abordagem de conteúdos socioculturais na sala de aula pressupõe o desenvolvimento das competências referidas no Quadro Comum Europeu de Referência para as Línguas. Engloba um vasto conjunto de noções de cultura geral (o conhecimento do mundo), socioculturais (conhecimento da sociedade e da cultura das comunidades que falam espanhol), interculturais (conhecimento, perceção e compreensão das relações existentes entre a sociedade de origem e a sociedade da língua estrangeira), um saber fazer (comportamentos práticos, relações entre as pessoas) e um saber ser/estar com os outros. Logo, a principal finalidade, no processo de aprendizagem de uma língua, é comunicar, é adquirir competências do uso do sistema linguístico, quer a nível oral quer a nível escrito, de forma apropriada, estando o conhecimento cultural inerente ao uso dessa língua.

O Quadro Comum Europeu de Referência para as Línguas apresenta um capítulo (5.1.1.2: 148) sobre as competências e as habilidades interculturais. Os estudantes de uma língua estrangeira devem ser capazes de relacionar entre si as duas culturas: a de origem e a estrangeira, identificando e utilizando uma diversidade de estratégias para constituir laços

de proximidade com pessoas de outras culturas, cumprindo o papel de intermediários culturais entre a própria cultura e a cultura estrangeira, evitando os equívocos interculturais e as situações conflituosas e geradoras de celeuma, e superando as relações estereotipadas, visto que estas manifestam uma visão reduzida e, muitas vezes, distorcida da realidade.

No Quadro Comum Europeu de Referência para as Línguas, são expostos os seguintes temas culturais, concernentes à língua espanhola e às outras línguas estrangeiras:

- A vida quotidiana: as comidas, as bebidas, os horários (almoço, jantar, trabalho), os feriados, as atividades dos tempos livres;
- As condições de vida: os níveis de vida, as condições de alojamento, a cobertura da segurança social;
- As relações interpessoais: a estrutura social e as relações entre os seus membros, as relações entre os sexos, as estruturas e as relações familiares entre gerações, entre a comunidade, grupos políticos e religiosos;
- Os valores, as crenças e as atitudes: as classes sociais, os grupos socioprofissionais, as culturas regionais, a segurança, as instituições, as tradições, a história, a identidade nacional, os países, a política, as artes, a religião e o humor;
- A linguagem corporal: os gestos e as ações que acompanham as atividades da língua, as ações paralinguísticas, as características paratextuais e tipográficas;
- As convenções sociais: a pontualidade, as prendas, os vestidos, os aperitivos, as convenções e os tabus relativos ao comportamento e às conversas, a despedida;
- Os comportamentos rituais: as cerimónias e as práticas religiosas, o nascimento, o casamento e a morte, os comportamentos do público em cerimónias públicas, as celebrações, as festividades, os bailes e as discotecas.

Todos estes temas, acima mencionados, também se refletem nos Programas do Ministério da Educação.

1.7. Programas do Ministério da Educação

Tanto no Ensino Básico como no Ensino Secundário, a cultura está presente nos programas de Espanhol do Ministério da Educação (1997:9), que seguem as orientações europeias do Quadro Comum Europeu de Referência para as Línguas. O objetivo geral comum aos dois tipos de ensino, e relacionado com o tema em análise, é

“ (...) aprofundar o conhecimento da sua própria realidade sociocultural através do confronto com aspetos da cultura e da civilização dos povos de expressão espanhola”.

No 3º ciclo do Ensino Básico, os aspetos culturais fazem parte dos conteúdos a lecionar. Pretende-se analisar, utilizar e comparar aspetos socioculturais de Espanha, tais como os hábitos e regras de conduta na vida quotidiana, o meio físico (a caracterização de cidades e suas tradições, os serviços públicos, o comércio, a habitação, a alimentação, o consumo, a qualidade de vida), as relações humanas (a família, os jovens, o trabalho, os tempos livres), a presença do espanhol em Portugal, relacionando-os com os conhecimentos que o aluno possui do seu país (filmes, desporto, canções, notícias, anúncios, ...). Deste modo, o aluno evolui pessoalmente, valoriza as diferenças culturais, aprecia a riqueza das distintas línguas e culturas, é capaz de comunicar com o outro e desenvolve uma postura de curiosidade, respeito e tolerância face a outras culturas e outras formas de estar.

No Ensino Secundário, são tratados os seguintes aspetos socioculturais: as relações interpessoais, a escola, os serviços, o consumo, os tempos livres, os transportes, as cidades mais importantes de Espanha e do Mundo Hispano e as relações entre Espanha e Portugal. Seguidamente, o programa apresenta tarefas, nas quais estão inseridos os aspetos socioculturais a analisar especificamente em cada uma. A título de exemplo, como tarefa inicial, com o intuito de motivar os alunos para a aprendizagem da língua espanhola, o programa sugere, a nível cultural, a apresentação de personagens conhecidas que falam espanhol e português, o conhecimento dos países onde se fala espanhol e outros aspetos do interesse e de utilidade para os alunos, tais como os cumprimentos (em registo para jovens), as canções, os piropos, etc. E, em cada uma das unidades programáticas do currículo de E/LE, são indicados determinados conteúdos culturais ou referências que o professor pode e deve aprofundar minuciosamente ou adaptar ao nível de ensino.

Cabe ao professor, enquanto ser interculturalista, colocar em prática, em contexto de sala de aula, todos estes aspetos culturais emanados do Quadro Comum Europeu para as Línguas e dos programas do Ministério da Educação.

1.8. Papel da cultura na aula

De acordo com alguns autores, o acesso à cultura é oferecido pelo uso frequente da língua. Em contrapartida, para a aprendizagem duma língua, deve ter-se um domínio cultural da mesma. As formas de um povo se manifestar e de se expressar encerram uma ligação inextricável com a cultura, contribuindo para a caracterização desse mesmo povo. Partindo desta premissa basilar, podemos inferir que toda a língua se vincula à sociedade que a usa e, conseqüentemente, expressa as suas múltiplas manifestações culturais. Confirma-se, então, a impossibilidade de conhecer uma língua isolada, como um deserto independente da comunidade cultural que a vivifica. Aqui, depreende-se o carácter cultural da aprendizagem de uma língua. Ao aprender uma outra língua, o indivíduo traz consigo implicitamente características próprias portadoras das diversas expressões culturais e heterogêneas da sua génese. Logo, o grau do saber cultural que o aprendiz possui da língua amplia o seu conhecimento do mundo, fortalecendo o seu próprio posicionamento crítico na sociedade em que se insere, e provocando a diluição das fronteiras e estereótipos.

Nesta linha de pensamento, segundo o teórico Kramersch⁶ (1998), para comunicar noutra língua é fundamental dominar aspetos linguísticos, como falar, escrever e ter grande conhecimento de vocabulário, mas também dos aspetos culturais, visando formular e entender um enunciado de forma correta e saber estar e comportar-se perante situações diversificadas, sem as prejudicar. Assim, compreender a cultura, que acompanha a aprendizagem da língua, contribui quer para a desconstrução de estereótipos e de preconceitos que o falante possui sobre a cultura inerente à língua, quer para que o sujeito adquira condições de saber estar, quando se depara com distintos atos da linguagem de uma determinada língua. Deste modo, percebe-se que, por meio da aproximação à cultura de uma língua, o seu aprendiz se torna mais eficiente, completo e autónomo no âmbito do pensamento e da ação.

Delgado (2004: 234) propõe que

“a cultura influencia os conhecimentos individuais, propiciando ao pensamento condições de formação, conceção, desenvolvendo-o e enriquecendo-o.”

⁶ In *Language and culture*, Oxford: Oxford University Press, citado por Berwig, C. A. (2004), *Estereótipos Culturais no ensino-aprendizagem de Português para estrangeiros*, Curitiba.

Assim sendo, a comunicação propicia um conhecimento geral, na medida em que não basta apenas ser um conhecedor da língua (estruturas gramaticais, vocabulário, etc.). É imperioso, também, conhecer como os indivíduos da língua-alvo se organizam socialmente: os seus hábitos alimentares, os seus valores, os seus costumes, as suas crenças, as suas tradições, as artes, a literatura, a música, entre outros. Assim, existe uma sinergia evidente entre o tecido cultural, social, histórico e político.

Na opinião de Samovar, Porter & Stefani (1998)⁷, citados por Berwig (2004:18), “a *percepção* é essencial no estudo da relação entre cultura e comunicação.” Os autores dividem esta percepção em dois estádios: no primeiro, o indivíduo é levado a identificar o objeto em questão; no segundo, procede-se ao esclarecimento e avaliação desse mesmo objeto. Estes autores entendem que até as pessoas que partilham a mesma cultura e grupo social podem ter dificuldades de comunicação, pois apresentam um historial de diferentes experiências pessoais. Na prática, isto significa que, ao ensinar aspetos culturais, o docente deve levar o aluno a desenvolver um pensamento crítico, ao ponto de, em primeiro lugar, não criar estereótipos sobre a cultura em questão, não prejudicar ou fazer suposições sobre esta cultura sem realmente a conhecer e, em segundo lugar, após adquirir conhecimentos sobre os aspetos culturais de determinada sociedade, não cair no erro de pensar que uma tradição levada a cabo pela maioria dos elementos de um grupo é expansível a todos os elementos desse mesmo grupo. A título de exemplo, vejam-se as Touradas, uma tradição tipicamente espanhola. Deve fazer-se com que o aluno perceba que apesar de ser uma tradição típica desse país, de fazer parte da cultura do mesmo, nem todas as pessoas que moram em Espanha apreciam as Touradas, ou seja, o aluno deve refletir sobre aspetos culturais, por forma a não cair em falsas generalizações. Torna-se, então, primordial desenvolver a consciência de que a realidade cultural não é completamente homogênea ou percecionada de igual forma.

Retomando a questão da relação entre *conhecimento cultural* e *comunicação eficiente*, Kramsch⁸ (1998), citado por Berwig (2004: 26), afirma que “o indivíduo revela a sua cultura por meio do seu comportamento e por consequência através da língua também.” Assim, não se pode pensar em ensinar uma língua desligada da sua cultura, pois comunicar eficientemente é entender todo o contexto envolvente, ou seja, não apenas “descodificar” aspetos linguísticos, mas entender o que estes encerram e a relação com a

⁷ In *Communication between Cultures*.

⁸ In *Language and culture*.

cultura da sociedade que a originou, pois situações como cumprimentar uma pessoa, pedir ajuda, participar numa festa ou reunião, estão intimamente inseridas num contexto cultural. Porém, queremos salientar que aprender a cultura de uma língua estrangeira não implica o abandono da sua e a aquisição de outra. As diversas culturas não são mais do que distintas formas de perspetivar o mundo. Ao conhecer uma nova cultura, deve perceber-se que esta é tão importante quanto a sua e que merece o mesmo respeito, já que nenhuma cultura é superior a outra.

Voltando à ideia de que a cultura é a precursora da aprendizagem da língua, Kramsch (1998) defende que a linguagem é a principal forma através da qual conduzimos a nossa vida social. Quando ela é usada em contexto de comunicação, está imbuída da cultura de variadas e complexas formas. Segundo essa mesma autora, a linguagem é modelada pela cultura, dando como exemplos as regras de etiqueta, proibições sociais que, de certa forma, influenciam a atitude das pessoas nas diferentes situações em que interagem umas com as outras. Baseando-se nos teóricos que sustentam esta pesquisa, podemos dizer que língua é cultura, posto que uma implica a outra, sendo impossível estabelecer uma separação entre elas.

Baker (1997)⁹, citado por Gaias (2005: 33), corrobora as teorias enumeradas anteriormente, quando afirma que:

“Aunque las cuatro destrezas lingüísticas son importantes en el desarrollo de la lengua, una lengua enseñada sin la cultura que comporta es como presentar un cuerpo sin un corazón. La lengua y la cultura están entrelazadas en el saludable funcionamiento de un cuerpo.”

Por sua vez, López Fernández (2005) diz que o aprendiz que tem conhecimentos sobre os aspetos culturais da língua-alvo optará se vai seguir determinada norma cultural ou violá-la; porém, o aprendiz deverá ter conhecimento da situação que escolheu e da forma como a sua decisão pode influenciar na interação com o outro.

Em suma, podemos deduzir que a cultura, vista como elemento indissociável da língua, deve ser ensinada aos alunos através de um mosaico variado de informações, livre de estereótipos que inibem a reflexão e a criatividade. O professor não tem de converter-se num especialista da cultura nem num antropólogo profissional, basta que tenha os olhos

⁹ In *Fundamentos de Educación Bilingüe y Bilingüismo*.

abertos – passamos a expressão – para as duas realidades, a estrangeira e a própria, a fim de manter uma certa distância que permita refletir permanentemente sobre os aspetos culturais que incidem ou possam incidir na conduta linguística dos seus alunos. Estes últimos, por sua vez, devem possuir informação suficiente para saber o que se espera deles em cada situação de comunicação numa língua estrangeira, já que cada uma destas situações implica uma interação contextualizada e uma relação cultural, antevendo deste modo o aparecimento de *culturemas*.

1.9. Culturema

Um dos desafios que nos propusemos foi definir e explicar a relação de *culturema* com o objeto de estudo deste trabalho, pois acreditamos que constitui uma base sólida para o entendimento do mesmo.

A noção de culturema tem gerado algumas controvérsias, dada a sua complexidade e semelhança com fraseologismos, provérbios, idiomatismos, palavras culturais e parémias – termos que não diferenciaremos neste trabalho. Muitos foram os autores que se debruçaram sobre este tema, no entanto, dadas as limitações de espaço, referiremos apenas, de forma sucinta, a visão de dois autores: Vermeer e Luque Durán.

Atribui-se a Vermeer (1983: 8)¹⁰ a seguinte definição de culturema:

“Um fenómeno social de uma cultura A que é considerado relevante pelos membros desta cultura e que, quando se compara com um fenómeno social correspondente na cultura B, verifica-se que é característico da Cultura A.”

Esta definição diz-nos que os culturemas se estabelecem na comparação entre culturas. Podemos ainda inferir que se trata de elementos conhecidos pelos membros de uma sociedade. No entanto, a definição não nos fornece elementos suficientes para a compreensão do termo. Afinal, o que é um culturema?

Na tese *Los culturemas: ¿unidades lingüísticas, ideológicas o culturales?* (2009:95), Lucía Nadal refere que, segundo Luque Durán (2009)¹¹, os culturemas

¹⁰ In *Translation theory and linguistics*, citado por Luque Nadal, L. (2009). *Los culturemas: ¿unidades lingüísticas, ideológicas o culturales?* *Language Designe 11*. Universidad de Córdoba.

¹¹ In *Claves culturales e imaginológicas de los textos argumentativos*.

“... são unidades semióticas que contêm ideias de carácter cultural, com as quais se embeleza um texto, permitindo formar à sua volta discursos que entrelaçam culturemas com elementos argumentativos. (...)”.

Os culturemas são criados pela sociedade a partir de diversos motivos: políticos, atores, escritores, modas, factos históricos, etc. Apresentam, portanto, um carácter evolutivo e dinâmico, na medida em que perdem a sua validade, dando origem a outros culturemas. Queremos ainda salientar que os culturemas variam de acordo com os referentes culturais de cada povo. No fundo, poderíamos dizer que qualquer item simbólico que por diversas razões tenha uma relevância especial na língua e seja utilizado como moeda de câmbio por parte dos falantes na sua comunicação oral e escrita é um possível culturaema.

As noções acima apresentadas permitem-nos concluir que os culturemas são importantes para o nosso estudo, na medida em que vão ao encontro da componente sociocultural, ao serem elementos facilitadores da aprendizagem da língua e da cultura dos povos. De facto, o conhecimento destes culturemas ensina-nos a entender melhor o outro, deitando abaixo as barreiras que, de outra forma, seriam intransponíveis.

Ao analisar a temática dos culturemas, verificámos a existência de *culturemas específicos* de um país e de *culturemas partilhados* que abrangem distintos países e línguas.

1.9.1. Partilhados

De uma forma geral, podemos dizer que um culturaema é partilhado quando é relevante para duas ou mais sociedades. Podemos encontrar o mesmo culturaema em países de língua espanhola, que partilham tradições históricas, religiosas, entre outras. No ocidente cristão, é comum encontrarmos culturemas que retratam a ideologia religiosa entre países de culturas e língua diferentes. Entre os países muçulmanos, por seu lado, bem como entre, por exemplo, os budistas, também é frequente encontrarmos culturemas que lhes são familiares, dada a raiz religiosa específica em cada um desses dois mundos. Contudo, também entre estes povos encontramos culturemas com origem na sua história passada e na sua formação como nações.

O relacionamento entre culturemas de culturas distintas, de matrizes diferentes, como por exemplo entre um povo cristão e um povo budista, é quase inexistente. Contudo,

muitos culturemas estão associados a personagens reais e fictícias da história universal, podendo, em última análise, ser partilhados a uma certa escala.

Não nos podemos esquecer de que na literatura, bem como na história e na religião, há culturemas que retratam a vivência dos seus criadores. Na literatura religiosa, se nos é permitido fazer esta separação, temos culturemas relacionados com os dias, nomeadamente de carácter religioso, e até mesmo pagão.

Cada país, representado pelo seu povo unitário tem a sua cultura como já foi referido. As culturas ocidental, muçulmana e budista, bem como outras, possuem os seus mitos, particularmente os seus conceitos de bem e mal; de heroísmo e de cobardia; de sabedoria e de estupidez. Na cultura ocidental, temos, por exemplo: Judas e Maria Magdalena.

Nas culturas hispânicas, portuguesa e francesa, com a mesma matriz latino judaica cristã, encontramos diversas expressões literárias referentes às mesmas personagens, que correspondem aos culturemas partilhados entre os povos de cultura cristã-judaica: - *más falso que Judas, mais falso que Judas, faux comme Judas; llorar como una Magdalena, chorar como uma Madalena, pleurer comme une Madeleine.*

1.9.2. Específicos

Os culturemas específicos são todos aqueles que existem apenas numa determinada cultura e que, contrariamente aos partilhados, não são considerados relevantes para os restantes povos – apesar de poderem ser reconhecidos e até mesmo estudados.

A Padeira de Aljubarrota, sendo um facto histórico reconhecido nacionalmente, é um exemplo claro de culturema específico português, que não tem correspondência noutras culturas, se atendermos às suas especificidades e enquadramento histórico-social.

Um outro culturema nacional, o Porto-vinho, região vinícola com a sua vindima regional típica, tem algo semelhante em Espanha, a cava-vinho espumoso. Consideraremos outros exemplos populares específicos conhecidos de entre os povos hispânicos: comer as doze uvas da sorte no Ano Novo é uma tradição espanhola originada em 1909. Em alguns países da América do Sul, faz parte da tradição comer um prato de lentilhas depois da meia-noite para atrair a prosperidade e sorte no ano que chega, como já referimos.

CAPÍTULO II

Os dias festivos numa perspetiva sociocultural

1. Dias festivos como forma de conhecer um povo

Acreditamos que uma das formas de contribuir para o desenvolvimento da Componente Sociocultural passa pelo estudo dos dias festivos (D.F's).

Os D.F's fazem parte da cultura de uma sociedade e são transmitidos de geração em geração, estando presentes nas mentes dos falantes que os atualizam no seu discurso de forma quase inconsciente.

Os dias festivos (tradições que se mantêm ao longo dos séculos) constituem uma excelente forma de aproximação à cultura de uma língua, uma possibilidade de contacto entre culturas.

O modo como as pessoas se relacionam lúdica, religiosa e politicamente reflete mais a mentalidade de um grupo social do que propriamente a sua maneira de trabalhar, porque diz respeito a uma manifestação da sua própria vontade e liberdade.

No caso concreto de Espanha e dos países hispano-falantes, podemos dizer, sem cair em exageros, que poucos países europeus oferecem uma gama tão completa e variada de festas ao longo de todo o ano e abrangendo todo o seu território.

Luís Carandell, no prólogo do livro *España en fiestas*¹², de Luis Agromayor (1987: 11), citado por Soler-Espiauba, (2009: 299), deixa transparecer essa riqueza:

“En la Plaza Mayor se ha encendido una hoguera. A las once de la noche, la Corporación Municipal y los miembros de la Cofradía del Santo Cristo, revestidos con las capas de gruesa estameña que heredaron de sus mayores, inician, seguidos por todo el pueblo, la procesión hasta el templo del Patrono, donde se rezará, con la iglesia a rebosar, el Miserere que sirve de prólogo religioso a las fiestas. Estamos en un pueblo de España, en cualquier pueblo de España [...]”

É importante oferecer aos alunos uma visão global das grandes festividades, internacionalmente famosas, como o Natal, a Semana Santa e o Dia da Hispanidade, mostrando que todas as comunidades têm enraizadas celebrações muito peculiares.

Ao trabalhar com estes conteúdos, o professor deverá evitar os estereótipos, de modo a dar uma imagem o mais realista possível deste tema, integrando-o na dimensão abrangente da realidade sociocultural e transpondo-a para o contexto de sala de aula.

¹² O autor aborda as festividades espanholas de uma forma ampla e contextualizada, situando o leitor no contexto através do mapa e de fotografias.

2. Integração dos dias festivos na sala de aula

Integrar os dias festivos na sala de aula pode ser uma opção plausível e agradável para aprofundar conhecimentos socioculturais, principalmente aqueles que se referem a países de língua espanhola. É também uma forma de ampliar a visão dos referentes culturais, que determinam uma convivência na sala de aula propícia ao bem-estar e ao êxito dos estudantes.

Quando os alunos, por vontade própria, exprimem junto dos seus colegas a maneira como assimilaram um determinado dia festivo, acabam por interagir entre si. Passam a apresentar aquilo que interiorizaram aquando da fase de transmissão e aquisição dos conhecimentos apresentados e discutidos com o professor. Com esse ato, quando de um modo desprendido – festivo, digamos –, ao contactar com o dia festivo em estudo, o aluno se exprime, está a socializar com o grupo, a cultivar-se, pois alarga os seus conhecimentos, tornando-se mais maduro, sendo capaz de processar atitudes novas e compará-las com as suas. No fundo, e de acordo com a nossa experiência, acaba por manifestar o que mais o sensibilizou.

Quando é possível observarmos este comportamento por parte dos alunos, podemos dizer com satisfação que o professor conseguiu atingir o seu objetivo enquanto educador, veículo de transmissão de conhecimentos, incrementador do crescimento social do indivíduo e da sua atitude de aprendizagem, junto de si e dos outros.

Os dias festivos, constituindo uma expressão exterior de sentimentos, de valores, de conhecimentos, de atitudes, de comportamentos e de muitas outras coisas mais, ao serem assimilados pelos discentes, agentes estranhos aos autóctones dos países hispanos que os vivenciam há muitos anos, fazem com que estes se modifiquem ou se transformem. Os alunos de uma língua estrangeira quando conseguem viver um dia festivo dessa língua, atingem simultaneamente a sua aquisição e expressão. O esforço interativo acontece. De facto, com alegria e boa disposição, estando presente a concentração, é sempre muito mais fácil ensinar e aprender.

Em tom festivo, podemos afirmar que este trabalho ajudará a conhecer melhor os povos de língua espanhola, dos quais, se nos é permitido este comentário, somos grandes admiradores.

PARTE II

PRÁTICA PEDAGÓGICA

CAPÍTULO I

1. Enquadramento e apresentação do estudo

1.1. Contexto da emergência

Hoje em dia, perante o acesso fácil através das novas tecnologias ao mundo global do conhecimento, seria lógico verificar que os estudantes são mais cultos, que usam as ferramentas que lhes são disponibilizadas no seu processo formativo; no fundo, seria lógico constatar um maior gosto pela procura de conhecimento. Contudo, parece-nos que este clima de facilidade e de exagero de informação os desmotiva, inibindo as suas capacidades e potencialidades.

Este paradoxo torna mais complexos o ensino escolar e a aprendizagem na aula, tanto para o professor, como para o aluno. Assim, acreditamos que, no contexto do ensino de uma língua estrangeira, o papel da cultura é fundamental para a transmissão de conhecimentos e valores.

De facto, a transmissão de aspetos culturais permitirá ao aluno fomentar uma abertura consistente para aceitar o outro, acabando por entender bem melhor a sua língua materna e cultura, assim como as linhas definidoras da língua estrangeira. A escola, na pessoa do professor, acaba por ter de preparar os indivíduos para esse encontro intercultural, disponibilizado, como já referimos, pelas novas tecnologias. Esse encontro, não terá barreiras de entendimento, terá sim laços de comunicação.

A “campanha de emergência” toca constantemente, levando ao confronto permanente dos aspetos culturais que são captados. Com eles, desenvolvem-se as comparações das diversas facetas formativas e culturais do ser humano. Urge, portanto, chamar a atenção dos intervenientes – dos nossos alunos – para os valores e o sentido profundo dos hábitos culturais. Tudo isto serve para tentar transmitir e comunicar que as Festividades Religiosas podem ser muito mais do que pensaríamos, muito mais! Sim..., uma fonte inesgotável, talvez um lugar-comum para dizer o quão importante podem chegar a ser no currículo escolar.

O Dia da Hispanidade, para além da Semana Santa e do Natal, tratados no seu contexto histórico, poderão transmitir noções do tipo: orientação de objetivo de vida; transmissão de valores geracionais; responsabilidade no dia-a-dia; modelagem de personalidades; empreendedorismo; força de vontade e determinação no respeito pelas regras existentes, etc. Afinal, a expansão, no Mundo dos Descobrimentos Portugueses e Espanhóis, permite encontrar noções de partilha cultural positivas, como a aprendizagem

de uma nova língua e de hábitos facilitadores da convivência humana – não é, por isso, estranho encontrar escritores portugueses que escreveram em Espanhol. Verificamos, assim, que é pelo saber que o Homem cresce e se cultiva.

Gostaria de referir, a título de exemplo, a minha experiência no Instituto de Promoção Social de Bustos. Neste colégio, pretendemos orientar cada aluno em todo o seu percurso escolar, ajudando-o na construção da sua identidade e tendo como lema as palavras do fundador desse instituto, o Patrono Frei Gil: *“Trabalho, Amor e Sacrifício”*. Todos os alunos têm um nome, uma idade, um passado, um presente e deverão também ter um futuro, se soubermos educá-los. É importante mencionar a preocupação dos docentes em inculcar nos seus alunos toda uma série de valores, dando assim continuidade ao referido lema. Gostaríamos de salientar que, no nosso ponto de vista, os discentes são sempre os agentes principais do processo de ensino-aprendizagem.

Os momentos vividos neste final de século XX e princípios de século XXI indicam o contexto de “emergência” do que se está a formar para o dia de amanhã. O futuro constrói-se hoje. Como responder à necessidade destes factos? Chegará apenas o que acima apresentámos? O entendimento dos porquês das experiências realmente vividas, dado nas aulas, a partir do conhecimento algo pormenorizado de uma cultura estrangeira, parece-nos ser positivo para responder às perguntas.

Definiremos, de seguida, de forma mais detalhada, as questões e os objetivos que sustentam este estudo.

1.2. Questões e objetivos

O presente trabalho tem como objetivo principal procurar compreender de que maneira o estudo dos dias festivos nas aulas de E/LE pode contribuir para o desenvolvimento da competência sociocultural, através de um projeto de investigação-ação, que explicitaremos adiante. Tendo em conta a problemática apresentada, definimos como questões norteadoras desta investigação as seguintes:

□ Objetivos secundários:

- Entender de que forma os dias festivos podem estar ao serviço do ensino da cultura na aula de Espanhol;
- Compreender o papel dos dias festivos na motivação para a aprendizagem;

- Reconhecer que atitudes, gostos, valores e saberes desenvolvem os alunos nas aulas com o estudo dos dias festivos;
- Compreender que atividades podem implementar-se para o uso dos dias festivos no ensino da língua;
- Proporcionar o contacto com outros povos e culturas, assegurando o domínio de aspetos culturais básicos;
- Promover a comparação sociocultural entre países hispânicos;
- Fomentar a comunicação sociocultural.

Pelo acima exposto, esperamos que este projeto de investigação-ação nos dê algumas respostas no sentido de sabermos como atuar no que diz respeito ao ensino/aprendizagem dos diferentes conteúdos programáticos, constantes dos programas curriculares, abrangendo e desenvolvendo as várias competências previstas pelo QECRL, em conformidade com os interesses dos alunos.

Questões	Objetivos
- De que forma pode o estudo dos dias festivos contribuir para o desenvolvimento da competência sociocultural nas aulas de E/LE?	- Compreender de que maneira o estudo dos dias festivos nas aulas de E/LE pode contribuir para o desenvolvimento da competência sociocultural.
- De que maneira pode o contacto com outros povos assegurar a aquisição de aspetos culturais básicos?	- Proporcionar o contacto com outros povos e culturas, assegurando o domínio de aspetos culturais básicos;
- Em que se distinguem as diversas culturas hispânicas?	- Promover a comparação sociocultural entre países hispânicos;
- Em que medida os dias festivos podem estar ao serviço do ensino da cultura na aula de Espanhol?	- Entender de que forma os dias festivos podem estar ao serviço do ensino da cultura na aula de Espanhol;
- De que forma podem ser os dias festivos elementos motivadores para a aprendizagem?	- Compreender o papel dos dias festivos na motivação para a aprendizagem;
- Que atitudes, gostos, valores e saberes desenvolvem os alunos nas aulas com o estudo dos dias festivos?	- Reconhecer que atitudes, gostos, valores e saberes desenvolvem os alunos nas aulas com o estudo dos dias festivos;
- Que atividades podem implementar-se para o uso dos dias festivos no ensino da língua?	- Compreender que atividades podem implementar-se para o uso dos dias festivos no ensino da língua.

Quadro 1 – Questões e objetivos investigacionais

1.3. Opções metodológicas

Tendo em conta os objetivos do nosso trabalho, optámos por uma investigação qualitativa do tipo investigação-ação, uma vez que esta metodologia proporciona aos professores uma maior autonomia e um maior envolvimento no processo de ensino, permitindo-lhes refletir sobre a prática e, conseqüentemente reformulá-la.

Nos seguintes pontos, veremos o significado de *investigação-ação* e *método qualitativo*.

1.3.1. Investigação-Ação

O conceito de *investigação-ação* é bastante complexo. A expressão foi utilizada pela primeira vez por Kurt Lewin, em 1944. Este autor defendia que a investigação-ação era uma soma de planificação, ação, observação e reflexão, envolvendo, em cada uma destas fases, a participação ativa e liberal dos intervenientes no processo.

A investigação-ação experimentou uma fase de grande desenvolvimento, tendo sofrido mais tarde uma regressão, devido a uma separação entre investigação e ação; no entanto, a partir dos anos 80, recuperou o seu anterior estatuto enquanto estratégia de formação, graças à grande influência dos trabalhos de Donald Schön sobre o professor prático-reflexivo (1983). Entramos, portanto, no domínio da investigação educacional.

Ao nível da investigação educacional, como afirma Latorre (2003:24)

“la investigación–acción es vista como una indagación práctica realizada por el profesorado, de forma colaborativa, con la finalidad de mejorar su práctica a través de ciclos de acción y reflexión”.

Pretende-se assim que este tipo de investigação seja um trabalho em que o investigador se envolva de forma ativa, observando a realidade que lhe interessa, *in loco*, de forma a modificá-la e sobre ela intervir.

Por estas razões, a investigação-ação assume-se, desta forma, como um método de investigação que leva a uma maior independência e a um maior profissionalismo docente, pois

“é na construção de uma epistemologia da prática que o professor tem o papel de consumidor crítico e produtor criativo do saber educacional legitimando a sua autonomia profissional” (Vieira, 1999: 524).

A metodologia de trabalho da investigação-ação é apresentada por Nunan (1989: 12) em quatro etapas, que caracterizam o processo de investigação-ação e que são ciclos que se vão reestruturando constantemente:

I – Planear – desenvolver um plano de ação no sentido de melhorar o que já está a acontecer;

II – Agir – implementar o plano de ação;

III – Observar – verificar os efeitos da implementação em contexto;

IV – Refletir – analisar os efeitos observados.

Pardal (2011:44) refere que

“a investigação-ação consiste numa estratégia de recolha e de análise de dados sobre um fenómeno específico, geralmente crítico, tendo em vista a formalização e promoção de mudança na realidade estudada”.

Queremos ainda salientar que é importante compreender de que forma podemos desenvolver estratégias ao nível da organização e gestão na sala de aula, por forma a desenvolver a autonomia dos alunos, bem como o seu envolvimento no seu processo de aprendizagem, respeitando a particularidade de cada um.

1.3.2. Método qualitativo

Neste projeto, tendo em conta as suas particularidades, optámos por um método qualitativo, dado que, segundo Bogdan e Biklen, é

“uma metodologia de investigação que enfatiza a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das perceções pessoais” (1994:11),

e é

“um termo genérico que agrupa diversas estratégias de investigação que partilham determinadas características. Os dados recolhidos são designados por qualitativos, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico. As questões a investigar não se estabelecem mediante a operacionalização de variáveis, sendo, outrossim, formuladas com o objetivo de investigar os fenómenos em toda a sua complexidade e em contexto natural.” (1994:16).

Os primeiros estudos realizados através da investigação qualitativa emergiram nos finais do século XIX e início do século XX:

“Most writers on the subject trace the origins of qualitative methodology to Frederick lePlay’s observational study of European families and communities in the nineteenth century” (Bogdan & Taylor, 1975:3).

Foi na “Chicago School” que, nos inícios do século XX (1927), Thomas e Znaniecki, citados por Bogdan e Taylor (1975), afirmaram que as anotações individuais e outro material de natureza etnográfica podiam constituir material de investigação relevante. Para os sociólogos americanos da Escola de Chicago, os métodos qualitativos tornam-se conhecidos sobretudo entre o período de 1910 e 1940, fazendo uso de registos, documentos pessoais e de observações dos participantes.

A década de 40 do século XX foi marcada pela influência do método positivista, pelo que foram poucas as investigações levadas a cabo por uma metodologia do tipo qualitativa, sobretudo na área das Ciências Humanas. A década de 50 continua a testemunhar pouca tendência para a investigação qualitativa. No entanto, as décadas de 60 e 70 assistiram ao ressurgimento de investigações realizadas com esta metodologia:

“The number of published studies based on these methodologies has steadily increased and there are now volumes of collected essays and monographs on how to gather and interpret qualitative data” (Bogdan & Taylor, 1975:4).

Nos anos 80, houve uma mudança do tipo de investigação realizada na área da Educação. No prefácio da obra *Research for Education: An introduction to theory and methods*, (1992), Bogdan e Biklen fazem referência a essa mudança de rumo, uma vez que uma área de estudo que até aí tinha sido dominada por estatísticas, definições, medidas e verificação de hipóteses deu lugar a uma investigação que valoriza a descrição, a indução e o estudo no terreno.

Uma investigação de natureza qualitativa apresenta características próprias. Bogdan e Biklen¹³, citados por Tuckman (2005: 507), referem aquelas que consideram mais relevantes:

“1. A situação natural constitui a fonte de dados, sendo o investigador o elemento-chave da recolha de dados;

2. A sua primeira preocupação é descrever e só depois analisar os dados;

¹³ In *Investigação Qualitativa em Educação. Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*.

3. O importante é o processo, o produto e o resultado final;
4. Os dados são estudados com intuição, como se agrupassem todas as partes num todo;
5. Relaciona-se principalmente com o significado das coisas.”

Foram estes os princípios mentores que nos guiaram para a execução deste projeto, designadamente o recurso a inquéritos. As respostas obtidas através do inquérito foram analisadas.

O nosso projeto de investigação baseia-se nas quatro etapas de investigação propostas por Nunan.

Assim sendo, numa primeira fase formulámos questões de investigação a partir das nossas convicções pessoais, das nossas leituras e das nossas práticas e experiências.

Em seguida, concebemos o Projeto de Intervenção com atividades de sensibilização, de intercompreensão e outras atividades que considerámos importantes para o desenvolvimento de competências solicitadas no documento *Currículo Nacional do Ensino Básico, Competências Essenciais* (Ministério da Educação, 2001), tendo sempre em conta a diversidade cultural hispânica.

Estamos convictos de que esta investigação é complexa, uma vez que nos faz refletir sobre os nossos alunos e sobre o nosso trabalho enquanto docentes. Tal tarefa exige uma atitude objetiva e imparcial, com vista a encontrar conclusões verosímeis e sólidas.

O nosso objetivo prende-se com os aspetos culturais dos alunos e a forma de os desenvolver, no sentido de facilitar a aquisição da Língua Estrangeira e de promover uma aproximação à realidade vivida nos países hispanos.

2. Apresentação do programa de intervenção

2.1. Caracterização do contexto socioeducativo

A caracterização da Escola, do meio no qual ela se insere, do corpo docente, das turmas que me foram atribuídas e da minha prestação como professor estagiário no Instituto de Promoção Social de Bustos – Colégio Frei Gil, foram elementos essenciais para a realização do relatório de Estágio Pedagógico, não apenas para enquadrar o tema lecionado – *vertente sociocultural nas aulas de E/LE* –, mas também para aferir aspetos determinantes do contexto em que ocorreu dita realização.

2.1.1. Meio

A vila de Bustos “... apresenta indícios de ser muito antiga”¹⁴, e pertence ao Concelho de Oliveira do Bairro, distrito de Aveiro, desde 1838. Está situada no extremo ocidental do Concelho, nos limites com os Concelhos de Vagos e de Cantanhede.

Nos últimos anos, a freguesia de Bustos tem-se desenvolvido consideravelmente no que diz respeito à indústria – serralharia, mármore, cerâmica, etc. – ainda que primordialmente continue a ser uma povoação de estrutura básica agrícola. Como refere Arsénio Mota, conterrâneo desta terra, “Bustos tem hoje (...) uma agricultura intensa, um comércio de relvo e uma indústria a dar os primeiros passos.” (2003:13)

A vila de Bustos possui aproximadamente 2.246 habitantes, distribuídos pelas seguintes povoações: Azurveira, Barreira de Bustos, Cabeço, Póvoa de Bustos, Quinta Nova, Sobreiro (onde se encontra o Instituto de Promoção Social) e Bustos. O seu padroeiro é São Lourenço, cujos festejos se realizam a oito de agosto. O seu património é bastante diversificado, já que é composto por uma igreja, várias capelas, um cinema, uma farmácia, um centro de saúde, escolas do 1º ciclo do Ensino Básico, um lar de idosos, um orfeão, uma união desportiva, um posto da Guarda Nacional Republicana, uma estação de correios, agências bancárias e de seguros e uma biblioteca fixa da Fundação Calouste Gulbenkian (no Palacete do Visconde de Bustos – título concedido a António Duarte Sereno, abastado capitalista de Oliveira do Bairro e grande influente político da região, a nove de Julho de 1908, por D. Manuel II, último rei de Portugal). Nos dias nove e vinte e dois de cada mês, realiza-se a tradicional Feira de Bustos, com a venda de gado vivo, bacalhau, peixe, carnes, legumes, frutas, roupas, calçado, materiais agrícolas, entre outras coisas. Quanto à gastronomia, Bustos, integrado na região da Bairrada, oferece o leitão à Bairrada, a chanfana de carneiro, o churrasco de frango e o bacalhau na brasa.

¹⁴ Projeto Educativo do Instituto de Promoção Social de Bustos de 2010 / 2011. Baseio-me neste documento, visto que segundo informação do Diretor do Colégio, no início do ano escolar, não se previa que o novo Projeto Educativo estivesse concluído antes do final do ano letivo de 2011/2012.



Figura 1 – Mapa do Concelho de Oliveira do Bairro

2.1.2. Escola

O Instituto de Promoção Social de Bustos, sediado na vila de Bustos, concelho de Oliveira do Bairro, distrito de Aveiro, também é conhecido por Colégio Frei Gil. Este nome deve-se ao seu fundador, Manuel Nunes Alferes (1905-1979) ou Padre Frei Gil (ordenado sacerdote em 1933), que fundou a sua Obra da Criança Abandonada em 1942, com a recolha de três crianças, na Casa de Cervães, por ele apelidada de “Casa-Mãe”. A Obra da Criança Abandonada desdobrou-se em vários lares de acolhimento de crianças e jovens, um estabelecimento de ensino, um infantário e um bairro social, num trabalho de promoção social e moral, através do seu acolhimento, proteção e educação. Posteriormente, o projeto, que o Padre Frei Gil chamou de “Obra da Colonização Missionária”, foi alargado a Angola e Moçambique, onde fundou duas escolas.

Este estabelecimento de ensino surgiu da necessidade de rapazes, crianças e mulheres quererem melhorar profissional e pessoalmente a sua vida. Inicialmente, o instituto comportava três serviços distintos, chamados secretariados: Serviço de Instrução e Cultura, Serviço de Saúde e Alegria, Serviço de Emigração e Povoamento.

Para que esta escola ainda hoje se encontre em funcionamento, foi elaborado um contrato de associação com o Ministério da Educação.

Atualmente, define-se

“como uma Escola Católica, sem fins lucrativos, vocacionada para a formação social das freguesias de Bustos, Palhaça, Troviscal e Mamarrosa estatutariamente, comprometida na superação das carências, responsáveis pelo atrofamento das capacidades psicossomáticas das crianças oriundas de meios degredados.” (PCE:2010/2011: 03).¹⁵

O seu projeto educativo é um instrumento de trabalho ao dispor de toda a Comunidade Educativa – Alunos, Pais, Professores, Auxiliares de Educação, Autarquias e Meio. Fundamenta-se nos princípios gerais da Educação Católica e no ideário de Frei Gil: *Amor, Trabalho e Sacrifício*. Supõe a colaboração de toda a Comunidade, única forma dum trabalho eficaz e proveitoso. Correspondendo a uma exigência no trabalho e no esforço comum, o Projeto Educativo do colégio compromete toda a comunidade educativa na participação das tarefas da escola; leva a uma séria e atenta reflexão; aponta caminhos novos; sugere planos de trabalho; age como elemento de unidade; apresenta critérios fundamentais onde se inspira toda a Comunidade Educativa; pretende, finalmente, unir todas as boas vontades e levar a bom termo esta obra idealizada e iniciada por Frei Gil, posta nas mãos das gentes bairradinas. (PE: 2010/2011).

Assim sendo, a filosofia desta escola pretende, a nível educativo, estimular e potencializar as capacidades / apetências do aluno, conduzindo-o no seu percurso; vivenciar o relacionamento com o Diretor de Turma; treinar e desenvolver o sentido crítico; proporcionar casos e ensejos de desenvolvimento equilibrado e consciente do viver em sociedade; inculcar no aluno o culto pelo altruísmo e oferecer-lhe uma opção cristã da cidadania. Deve, concomitantemente, oferecer uma escola apetecível e humana, onde dê gosto estar, viver, ensinando o aluno a estudar com gosto, dando-lhe ideias de aproveitamento das novas tecnologias ao seu dispor e levando-o a criar, ele próprio, vários incentivos. A nível da aprendizagem, o aluno deve ser a base, o centro e a finalidade da escola, para que esta possa formar e informar com criatividade e responsabilidade, num ambiente disciplinado e harmónico. A nível de assistência e acompanhamento, tendo em conta o meio rural onde está inserida, longe de hospitais e outros centros de apoio, cedo surgiu a necessidade de criar na escola um Gabinete de Psicologia e Serviço Social que assegurasse um permanente e efetivo serviço na área de Psicologia e do acompanhamento familiar e social. Também a criação de uma Enfermaria a cargo de um Enfermeiro a quem

¹⁵ Projeto Curricular de Escola, ano letivo de 2010/2011. Baseio-me neste documento, visto que segundo informação do Diretor do Colégio, no início do ano escolar, não se previa que o novo Projeto Curricular de Escola estivesse concluído antes do final do ano letivo de 2011/2012.

incumbe uma primeira abordagem das situações e a decisão sobre o estado do doente e seu encaminhamento para o Hospital, se for caso disso. (PE: 2010/2011).

Assim, os nossos alunos têm acesso à instrução escolar gratuita, do 5º ao 12º ano de escolaridade. Atualmente, a escola é constituída por 1200 alunos, 103 professores e 65 funcionários, aproximadamente.

Para além do 2º e 3º ciclos do Ensino Básico e Ensino Secundário, a nossa escola também tem um Infantário – Infantário Frei Gil -, e uma escola do 1º ciclo do Ensino Básico. No entanto, estes estabelecimentos de ensino já são de cariz particular, embora continuem ligados à obra “Frei Gil”.

Mas nem sempre foi assim. Devido às exigências da Formação Cultural e Social do seu território pedagógico, o âmbito da sua atividade alargou-se, logo após a legalização da Escola ao abrigo da autorização definitiva nº35, datada de 17/05/1985, com a criação do 2º ciclo (5º e 6º anos) em 1990/91, os Cursos Tecnológicos (Química e Informática) em 1992/93, o 3º CEB-R (diurno), nas áreas de Comunicação/Animação Social e Eletricidade/Eletrónica em 1997/98, o 1º Ciclo (1º ao 4º Anos) em 1997/98, o Curso de Educação e Formação (Tipo 2) Nível 2 de Eletricidade de Instalações em 2007/08, o Curso Profissional de Informática de Gestão em 2008/09 e o Curso de Arte Floral (tipo 2) Nível 2 em 2010/2011.



Figura 2 – Instituto de Promoção Social de Bustos – Colégio Frei Gil

O Instituto de Promoção Social de Bustos assegura, hoje, no seu território pedagógico, os seguintes níveis e cursos:

- Creche;
- Jardim de Infância;
- CATL;
- Ensino Básico:
 - ✓ 1º Ciclo (1º, 2º, 3º e 4º anos);
 - ✓ 2º Ciclo (5º e 6º anos);

- ✓ 3º Ciclo (7º, 8º e 9º anos):
 - línguas estrangeiras: inglês, francês e espanhol;
 - formação artística: educação visual, educação tecnológica, teatro e dança.
- Curso de Educação e Formação – tipo 2 – Nível 2:
 - ✓ Arte Floral;
 - ✓ Operador Informático.
- Ensino Secundário (10º, 11º e 12º anos):
 - ✓ Científico-Humanístico;
 - ✓ Ciências e Tecnologias;
 - ✓ Ciências Socioeconómicas;
 - ✓ Línguas e Humanidades.
- Ensino Profissional:
 - ✓ Técnico de Informática de Gestão;
 - ✓ Técnico de Energias Renováveis (variante solar fotovoltaico);
 - ✓ Técnico de Apoio à Gestão Desportiva.

A escola oferece uma série de atividades que permitem o desenvolvimento social, cívico e autónomo do aluno. É conhecida pelas suas equipas de voleibol – Frei Gil Voleibol Clube -, pelas várias atividades extracurriculares, tais como: os clubes de quarta-feira à tarde – o Clube de Teatro, o Clube da Dança e o Clube da Vida (com representações em lares do concelho e outras escolas), o Clube das Energias Renováveis (que dinamiza todos os anos o Concurso “Grande Prémio Frei Gil”, com a construção de carros e barcos fotovoltaicos), o Clube Europeu, o Clube Eco Escolas, o Clube de Informática, o Clube de Matemática, o Clube de Fotografia, a Rádio Escola, o Jornal da Escola e o Clube da Moda (que costuma presentear-nos, no Sarau Cultural da escola, com um magnífico desfile de moda feito a partir de materiais reciclados). Além disso, também é conhecida pelas variadas atividades desenvolvidas pelos grupos disciplinares ao longo do ano letivo. É uma escola viva, dinâmica e que costuma elevar o nome de Frei Gil, seu fundador, além-fronteiras. Já foi destacada com a divulgação dos carros e barcos fotovoltaicos pela televisão, no programa "Há volta", da RTP1.

2.1.3. Turma

A turma 8º E é constituída por vinte e sete alunos: dezoito raparigas e nove rapazes, com uma média de idades de treze anos e uma variação etária que oscila entre os treze e os quinze anos de idade. Um dos alunos apresenta necessidades educativas especiais¹⁶ e quatro são repetentes. Quanto ao local de residência dos alunos, oito vivem no Troviscal, cinco em Oiã, quatro em Oliveira do Bairro e os restantes dez vivem nos arredores.

O nível de Espanhol destes alunos é o A2, de acordo com o *Marco Común Europeo de Referencia para las Lenguas* (MCERL).

A situação escolar e socioeconómica das famílias dos alunos lê-se nos gráficos que apresentamos a seguir.

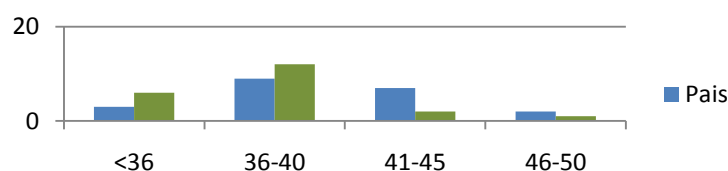


Gráfico 1- Idade dos Pais

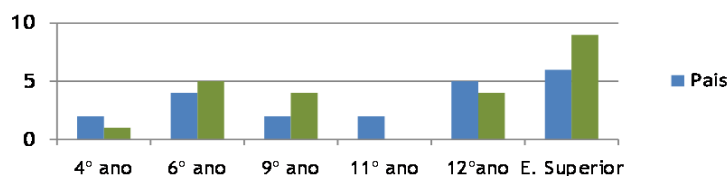


Gráfico 2 – Habilitações Literárias dos Pais

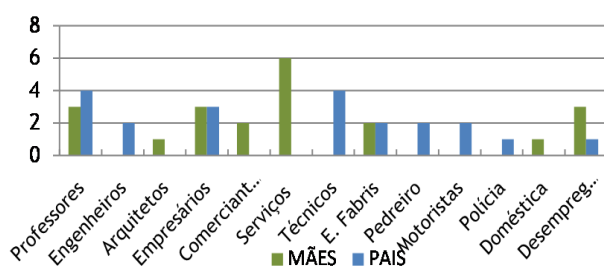


Gráfico 3 – Situação Profissional dos Pais

¹⁶ Avaliada ao abrigo do Decreto-Lei 3/2008 nos artigos 17º, 18º e 20º (Apoio pedagógico personalizado; Adequações curriculares individuais; Adequações no processo de avaliação).

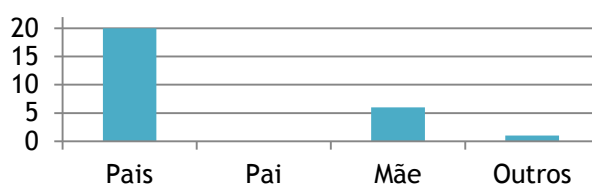


Gráfico 4 – Com quem vive o aluno

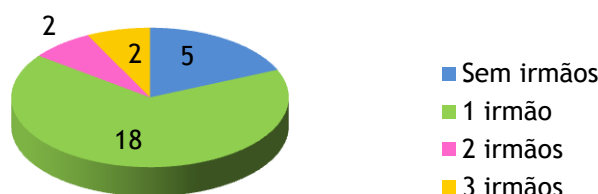


Gráfico 5 – Número de Irmãos

A turma é bastante heterogênea: alguns alunos são interessados, participativos, trabalhadores, atentos, responsáveis, dinâmicos e organizados; outros apresentam dificuldades ao nível da compreensão de enunciados e ao nível da expressão escrita; há ainda aqueles que têm interesses divergentes dos escolares, sendo pouco interessados pelas atividades letivas, revelando, por vezes, atitudes pouco adequadas ao contexto sala de aula.

Relativamente à disciplina de Espanhol, esta heterogeneidade mantém-se, o que dificulta, por vezes, o bom desenrolar da aula. Para além disso, existem certas rivalidades entre alguns alunos, que, em diversas ocasiões, chegam a perturbar o bom funcionamento da aula, assim como os seus colegas e professor. A maioria dos alunos desta turma já se conhece desde o primeiro ciclo, o que nem sempre é benéfico, pois sabem os pontos fracos dos colegas e usam-nos frequentemente para os magoar. No entanto, os resultados foram satisfatórios, tendo em conta as características da turma, visto que não se registaram níveis inferiores a três (numa escala de 1 a 5).

2.1.4. Aula

O projeto de intervenção, com a turma do 8º ano caracterizada anteriormente, teve início dia 11 de abril de 2012 e desenrolou-se ao longo de duas sessões. Apresentamos, de seguida, um quadro-síntese dessas sessões.

Tema do projeto: Semana Santa em Espanha e em países hispânicos			
Público-alvo: turma 8ºE do colégio Frei Gil			
Duração prevista: 135 minutos			
Questão norteadora: De que modo pode a Semana Santa permitir o desenvolvimento da competência sociocultural nas aulas de E/LE?			
Objetivos	Conteúdos	Atividades	Recursos
<ul style="list-style-type: none"> - Mobilizar saberes culturais, científicos e tecnológicos para compreender a realidade e para abordar situações e problemas do quotidiano; - Compreender textos orais e escritos de natureza diversificada e de acessibilidade adequada ao desenvolvimento linguístico, psicológico e social dos alunos; - Produzir, oralmente e por escrito enunciados de complexidade adequada ao desenvolvimento linguístico, psicológico e social dos alunos; - Realizar atividades de forma autónoma e criativa; - Cooperar com os outros em tarefas e projetos comuns. 	<p>Sessão 1:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Dia festivo; - A Semana Santa em Portugal: - Costumes e tradições. - A Semana Santa em Espanha: - Costumes e tradições. - A Semana Santa em países hispânicos: - Costumes e tradições. - O Presente do Indicativo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Preenchimento de questionários; - Leitura e interpretação de imagens e de textos (<i>skimming</i>); - Exercícios de vocabulário (<i>scanning</i>); - Exercícios de compreensão e produção oral; - Exposição oral; - Exercícios de verdadeiro ou falso; - Exercícios gramaticais, de tradução e de redação; - Reflexão contrastiva sobre a Semana Santa em países hispânicos; - <i>Brainstorming</i>; - Trabalho de pesquisa; - Trabalho de grupo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Caderno diário; - Manual escolar; - Gramática Espanhola; - Dicionário Bilingue; - Quadro; - Marcadores; - Quadro Interativo; - Fotocópias; - Leitor de CD; - CD Áudio; - Computador; - PowerPoint; - Internet.

Quadro 2- Síntese das Sessões

Os conteúdos culturais abordados ao longo destas duas sessões foram sintetizados pelo professor e encontram-se na unidade 5 – *Así te relacionas* – do manual “Español 2 – nivel elemental” (Manuel Del Pino Morgádez, M. Moreira e Suzana Meira) da Porto Editora.

2.1.4.1. Descrição das sessões do projeto de intervenção

2.1.4.1.1. Sessão 1

A primeira sessão teve lugar no dia 11 de abril de 2012, entre as 12h45 min. e as 13h30 min. (bloco de quarenta e cinco minutos), na sala 50.

A aula iniciou-se com a entrega de um questionário (Anexo 1), a fim de testar os conhecimentos culturais dos alunos e compreender o modo como esses conhecimentos podem ser desenvolvidos. Este questionário marcou o início do processo de investigação, permitindo a criação de novos objetivos e questões.

De seguida, procedeu-se à realização de um *brainstorming* (tempestade de ideias) com o intuito de produzir uma definição coletiva de Dia Festivo e Semana Santa.

Posteriormente, os alunos realizaram um exercício de verdadeiro/falso (Anexo 2) relacionado com a Semana Santa, comparando as suas respostas com a informação contida no texto lido.

Lido e analisado o texto relacionado com a Semana Santa (Anexo 3), dividido em três partes - a parte religiosa da festividade, breve introdução histórica e a celebração da Semana Santa na Andaluzia-, os alunos procuraram o significado de algumas palavras no dicionário, refletindo, em grupo, sobre o seu significado.

Após a leitura, silenciosa e individual, destes textos, um aluno fez uma nova leitura, em voz alta, enquanto os colegas a acompanharam. Segundo Gelabert et al, o processo de leitura não é “un mero proceso pasivo” pois há “que dar sentido a lo que leemos: tenemos que entender el mensaje” (2002:25). Depois de uma primeira técnica de *skimming* para obter uma ideia geral sobre o tema, seguiu-se o *scanning* (leitura em busca de uma informação específica sobre vocabulário relacionado com a Semana Santa). Feito isto, foi possível a discussão de alguns pontos de interesse abordados pelos alunos.

Para interiorizar novos conceitos, fizemos um resumo de termos (Anexo 4): objetos e personagens típicos da Semana Santa em Andaluzia, tendo sido realizado a-posteriori um exercício de relacionamento entre fotografias e os termos apresentados. De igual modo, procuramos falar das pessoas intervenientes no ritual da Semana Santa: “cargadores” e “costaleros”, com o objetivo de encontrar as suas diferenças. Para continuar com o léxico e tentar que o mesmo comece a ser conhecido, pedimos que identificassem quem transporta o passo no ombro e quem o carrega no pescoço, tornando possível falar da importância mística e devota que representa esta tradição para os crentes (transportadores).

Procurámos captar-lhes a atenção com um dos intervenientes principais nesta festividade: o penitente. Pretendíamos que os alunos colocassem o nome daquele interveniente no lugar correspondente, segundo o contexto apresentado e lido.

A animada conversa que se estabeleceu entre professor e alunos sobre o léxico aprendido serviu como ponto de partida para rever o estudo do Presente do Indicativo, uma vez que os alunos procuraram no texto formas verbais conjugadas nesse tempo e modo. A correção foi projetada no quadro interativo para que os alunos pudessem comprovar as suas respostas, fazendo a autocorreção.

2.1.4.1.2. Sessão 2

A segunda aula de Espanhol foi lecionada no dia 13 de abril de 2012, das 13h45min. às 15h15min., no mesmo local.

Nessa sessão, os alunos apresentaram os trabalhos sobre a “Semana Santa nos países hispânicos” que realizaram em grupo, durante as férias. Ao longo da apresentação, o professor acrescentou alguns elementos fundamentais para complementar o estudo e reflexão sobre esta temática.

De seguida, o professor apresentou um PowerPoint (Anexo 5) sobre os aspetos culturais da Semana Santa em países hispânicos, como forma de sistematização e complemento da informação apresentada.

Depois, estabeleceu-se um breve diálogo entre professor e alunos, e posterior comentário alusivo ao exposto na aula.

Mais tarde, seguiu-se uma atividade para desenvolver a compreensão auditiva (Anexo 6): os alunos ouviram música alusiva ao período festivo. Pensamos que é importante destacar o facto de que

“las canciones constituyen en sí mismas auténticos vehículos de información lingüística que permiten la explotación en el aula de múltiples niveles lingüísticos: desde el plano fónico hasta el sintáctico y léxico-semántico, sin olvidar el textual, auténtico punto de partida para el estudio de la lengua”. (Santos Asensi, J., 1996: 413).

Foi entregue uma folha com a letra de uma canção sobre *saetas* (Anexo 7), com espaços em branco para completar após uma segunda audição.

Fez-se a correção e a canção foi cantada por todos.

Pensamos que com esta unidade didática proporcionamos atividades que vão ao encontro da promoção da competência sociocultural

“es fundamental que la competencia sociocultural se incorpore en el aula de LE/L2 desde los primeros estadios de aprendizaje...”. (Santamaría Martínez, Rocío, 2011:11)

Finalmente, os alunos resumiram oralmente, de forma concisa, a matéria que aprenderam, escreveram o sumário e o professor indicou o trabalho de casa.

A maioria dos alunos participou nas aulas por iniciativa própria e, no seu decurso, prevaleceu um clima de interesse e curiosidade. No entanto, alguns alunos, provavelmente devido à sua timidez e dificuldade de expressão, adotaram uma atitude pouco interventiva, respondendo apenas quando solicitados.

3. Procedimentos de recolha e de tratamento de dados

Tendo em conta a dificuldade que testar a evolução e aquisição de conhecimentos socioculturais supõe, e dada a escassez de tempo para a elaboração do projeto, decidimos recolher os dados obtidos através de um inquérito por questionário e dos resultados dos trabalhos realizados pelos alunos.

3.1. A observação direta

De uma forma geral, os métodos de observação direta

“constituem os únicos métodos de investigação social que captam os comportamentos no momento em que eles se produzem em si mesmos, sem a mediação de um documento ou de um testemunho” (Quivy e Campenhoudt, 1992: 196).

Além disso, o observador dispõe de uma liberdade que não teria com o uso de outros métodos, uma vez que pode trocar de lugar, mudar o foco de observação ou concentrar-se em factos concretos.

A técnica de observação direta que privilegiámos foi a de observação participante, uma vez que nela o observador é tido como um elemento do grupo em estudo, participando na dinâmica coletiva e recolhendo os dados a partir do interior (Quivy e Campenhoudt, 2005).

Contudo, na perspetiva de Cooper e Schindler (2001), este tipo de modalidade apresenta outras limitações que condicionam o processo de investigação,

- O cansaço e o tédio do observador, ou factos que o distraiam, podem reduzir a acuidade e a amplitude da observação;
- O esquecimento acontece e há razões pelas quais o aluno pode não querer relatar os factos de forma completa e justa;
- O desconhecimento do passado;
- A impossibilidade de saber o que está a ocorrer no presente, em algum lugar distante.

Assim, podemos concluir que a utilização da observação direta teria sido útil para complementar a nossa investigação, sempre e quando as informações pertinentes tivessem sido registadas num momento próximo ao da sua ocorrência.

3.2. O inquérito por questionário

De acordo com a tipologia de investigação adotada neste estudo, optámos pela aplicação de um inquérito por questionário, um instrumento de investigação que tem como finalidade a recolha de informações, baseando-se, por norma, na inquirição de um grupo representativo da população em estudo (Pardal & Correia, 2011).

Segundo Reis (2010:91), o inquérito por questionário é

“uma técnica de observação que tem como objetivo recolher informações baseando-se numa série ordenada de perguntas que devem ser respondidas, por escrito, pelos respondentes, de forma a avaliar as atitudes, as opiniões e o resultado dos sujeitos ou recolher qualquer outra informação junto dos mesmos”.

Este instrumento de investigação é extremamente útil quando o investigador pretende recolher informações sobre um determinado tema. De acordo com Pardal e Correia (2011), a construção de um questionário válido, ou seja, capaz de recolher a informação necessária, pressupõe um conjunto de procedimentos metodológicos, que ilustramos no seguinte diagrama.



Diagrama 1 – Etapas de elaboração do inquérito por questionário

Estes procedimentos não apresentam uma sequência linear, mas podem ser, de acordo com os referidos autores, iterativos.

O inquérito por questionário apresenta ainda outras vantagens: abrange uma amostra considerável do universo em estudo, mantém o anonimato, é um recurso barato e não apresenta constrangimentos na resposta a determinadas questões consideradas desconfortáveis pelos respondentes. Contudo, esta técnica revela alguns inconvenientes quanto ao seu uso, sobretudo no que diz respeito a pessoas analfabetas ou a indivíduos com dificuldades de compreensão e de interpretação das perguntas. Assim sendo, o investigador, ao elaborar o seu instrumento de pesquisa, deve estar atento não só às vantagens como também às desvantagens que este possa acarretar (*ibidem*).

Gostaríamos de salientar que este estudo não procura verdades absolutas ou generalizações – dado o carácter pouco significativo da amostra –, mas sim despertar consciências, promover a reflexão; no fundo, reforçar o que tem sido defendido por numerosos autores, isto é, enaltecer a importância da cultura (neste caso, das festividades).

Convém ainda salientar que a construção de um questionário tem como principal objetivo o rigor na recolha de dados, sendo que as perguntas devem estar em conformidade com os objetivos propostos e com as características da amostra inquirida.

Assim sendo, o nosso projeto de investigação iniciou-se numa aula de 45 minutos, no dia 11 de abril de 2012, com a realização de um inquérito por questionário a 10 alunos do oitavo ano. A sua realização teve como objetivo principal analisar os aspetos culturais daqueles alunos e compreender o modo como esses aspetos culturais poderiam ser desenvolvidos. Procurou também refletir sobre os objetivos e as questões da investigação.

Como era nossa intenção que o inquérito tivesse uma resposta suficientemente aberta, e para que a comunicação fosse produzida de forma espontânea, sem constrangimentos linguísticos - pois pretendíamos testar conhecimentos culturais e não léxicos -, decidimos elaborá-lo em Português.

Assim, tendo por base a revisão de literatura, as questões e os objetivos da investigação, elaborámos um guião com sete perguntas de resposta aberta, de forma a permitir aos alunos a livre expressão sobre os assuntos propostos. Apresentamos, de seguida, os elementos que nos permitiram a elaboração do inquérito por questionário.

Objetivos	Tópicos do questionário
Definir o significado da cultura que os alunos possuem.	Definição de Cultura de uma língua estrangeira.
Identificar os saberes e as competências sobre a comemoração da Semana Santa nos países hispânicos.	Conhecimentos sobre a comemoração da Semana Santa nos países hispânicos.
Enfatizar a expressão de sentimentos sobre os costumes da Semana Santa. Dar a sua opinião pessoal	Sentimentos sobre os costumes da Semana Santa Opinião pessoal
Saber qual o contributo das aulas sobre a cultura espanhola para a aprendizagem do aluno.	Contributo das aulas sobre a cultura espanhola para a aprendizagem do aluno.
Identificar os aspetos a melhorar nas atividades desenvolvidas.	Que sugestões darias para melhorar estas atividades?

Quadro 3 – Objetivos e perguntas do questionário

Seguiram-se duas aulas (uma de 45 minutos e outra de 90) sobre a temática das Festividades da Semana Santa nos países hispânicos.

Finalmente, na conclusão deste processo, procedemos à aplicação do mesmo inquérito (anexo 8) para analisar os resultados.

3.2.1. O processo de aplicação do inquérito por questionário

O universo do nosso estudo compreende 10 alunos duma turma do 8º ano do Instituto de Promoção Social de Bustos (Colégio Frei Gil), como referimos e caracterizámos anteriormente.

A aplicação do inquérito exigiu uma prévia autorização da direção do colégio. Uma vez que a diretora não colocou nenhum entrave à realização do estudo, procedemos à sua concretização, seguindo às etapas referidas no ponto anterior.

A fim de evitar uma eventual dificuldade na compreensão de algumas questões, bem como a resposta em grupo, os questionários foram aplicados individualmente, na sala de aula, com a supervisão do professor de espanhol da turma.

Os inquéritos por questionário foram facultados aos alunos em dois momentos distintos: o primeiro, dia 11 de abril de 2012, com o intuito de testar alguns conhecimentos culturais dos alunos, servindo assim de teste diagnóstico para a posterior realização de atividades pedagógicas; o segundo, dia 6 de junho de 2012, no final das sessões sobre o tema em estudo, visando avaliar os conhecimentos adquiridos pelos discentes, através da análise comparativa dos inquéritos inicial e final.

3.2.2. A análise de conteúdo

Com o intuito de interpretar as respostas dadas pelos alunos nos inquéritos, para a consecução deste estudo, optou-se pelo método *análise de conteúdo*.

De acordo com Bardin (1979:42) a análise de conteúdo define-se como

“um conjunto de técnicas de análise de comunicação, visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens.”

Assim sendo, a análise de conteúdo é objetiva, sistemática e quantitativa. Objetiva, porque implica determinadas regras e instruções práticas; quantitativa, na medida em que é calculada a frequência dos elementos significativos; finalmente, sistemática, uma vez que todo o conteúdo deve ser ordenado em categorias previamente selecionadas de acordo com os objetivos a alcançar (Carmo & Ferreira, 1998).

A propósito do caráter sistémico da análise de conteúdo, Bardin (2004:111) debruça-se sobre a categorização, definindo-a como

“uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o género (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias são rubricas ou classes, que reúnem um grupo de elementos (unidades de registo, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão dos caracteres comuns destes elementos.”.

Segundo este autor, as categorias devem obedecer a determinados princípios:

- a) Exclusão mútua, a fim de evitar ambiguidades;
- b) Homogeneidade, na medida em que um único princípio de classificação deve governar a organização das categorias;
- c) Pertinência, relativamente às questões de investigação e ao enquadramento teórico;
- d) Produtividade, na medida em que um conjunto de categorias é produtivo se fornece resultados férteis: férteis em índices de inferências, em hipóteses novas e em dados exatos;
- e) Objetividade, pois uma dada unidade de registo só deve pertencer a uma dada categoria e as variáveis de cada categoria devem ser bem definidas.

Gostaríamos ainda de referir que atribuiremos letras aos alunos, a fim de preservar o anonimato. Assim, referir-nos-emos os alunos usando *a, b, c, d, e, f, g, h, i, j*.

CAPÍTULO II

ANÁLISE DE DADOS E INTERPRETAÇÃO DE RESULTADOS

1.1. Metodologia de análise de dados

Neste ponto, pretendemos analisar os dados recolhidos através dos questionários, respondidos de forma manuscrita, a fim de perceber de que modo o estudo de dias festivos nas aulas de E/LE pode contribuir para o desenvolvimento da competência sociocultural.

Assim sendo, inventariámos os dados, dividindo, numa primeira fase, as perguntas em *categorias*. No total, analisámos 4 categorias, cf. o diagrama seguinte.

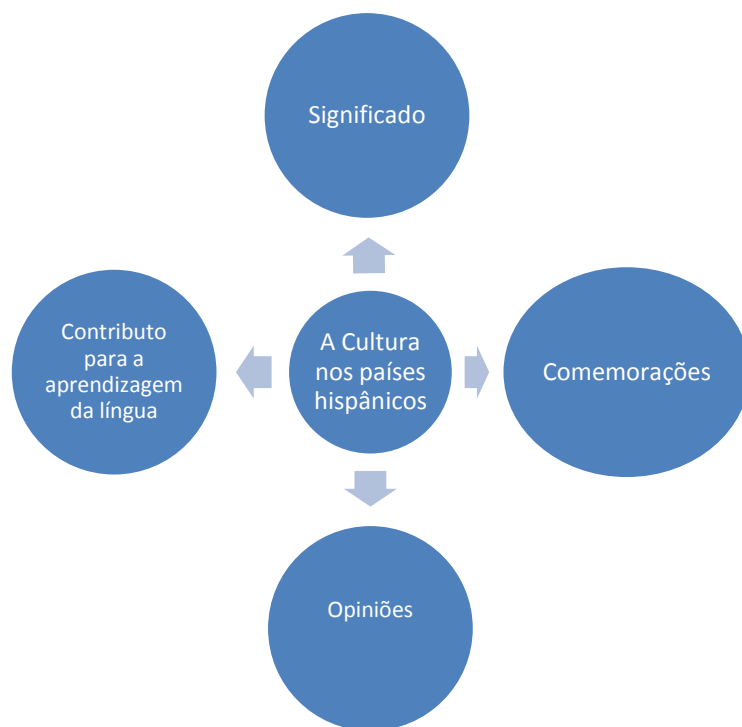


Diagrama 2: variáveis em estudo

Posto isto, dividimos as *categorias* em *subcategorias*, isto é, extraímos os tópicos mais focados pelos alunos em cada uma das perguntas, aqueles que melhor se relacionam com o tema do nosso trabalho, como ilustra o quadro abaixo.

Categorias	Subcategorias
<i>A.1. Significado da Cultura de uma língua estrangeira</i>	
	A.1.1. Hábitos
	A.1.2. Contraste intercultural
	A.1.3. Curiosidade e valorização cultural
	A.1.4. Alargamento cultural
<i>A.2. A Semana Santa</i>	
<i>A.2.1. Comemoração da Semana Santa em Espanha e nos países hispânicos</i>	
	A.2.1.1. Sentimento religioso
	A.2.1.2. Contraste cultural religioso
	A.2.1.3. Curiosidade
	A.2.1.4. Conhecimento cultural religioso
	A.2.1.5. Desconhecimento
<i>A.2.2 Opinião sobre as comemorações da Semana Santa</i>	
	A.2.2.1. Sentimento religioso
	A.2.2.2. Contraste intercultural
	A.2.2.3. Sensibilidade lúdica
	A.2.2.4. Conhecimento
	A.2.2.5. Desconhecimento
<i>A.3. Contribuição das aulas para a aprendizagem</i>	
	A.3.1. Alargamento de conhecimento
	A.3.2. Afetividade
	A.3.3. Curiosidade e valorização cultural
	A.3.4. Construção de Relações Interpessoais
	A.3.5. Contraste intercultural
	A.3.6. Desconhecimento

Quadro 4 – As categorias e subcategorias de análise

Analizadas todas as respostas (Anexos 9 e 10), elaborámos uma tabela por forma a comparar as respostas do questionário inicial com as respostas ao questionário final. Esta análise comparativa teve como objetivo encontrar as balizas de estudo que oferecem uma melhor e real análise do nosso trabalho.

Não conseguimos certamente atingir tudo aquilo a que nos propusemos. No entanto, tentámos inculcar nos nossos discentes todo o tipo possível de experiências

aliciantes ou genuínas. Paralelamente ao estudo da língua, procurámos proporcionar-lhes diferentes realidades que podem ser vistas como possibilidades únicas e positivas para a reafirmação de uma realidade onde todos podem partilhar e aprender, experienciar e refletir, comparar e discutir abertamente.

1.2. Análise e discussão de resultados

Após a implementação do programa de intervenção, a apresentação das diferentes exposições sobre o tema “Festividades da Semana Santa nos países hispânicos”, análises de textos e outras atividades, realizámos, no dia 6 de Junho de 2012, o mesmo inquérito aos alunos, que teve como finalidade compreender qual o impacto que o programa de intervenção ocupou nas representações e quais os conhecimentos dos alunos face aos aspetos culturais estudados dos países hispânicos.

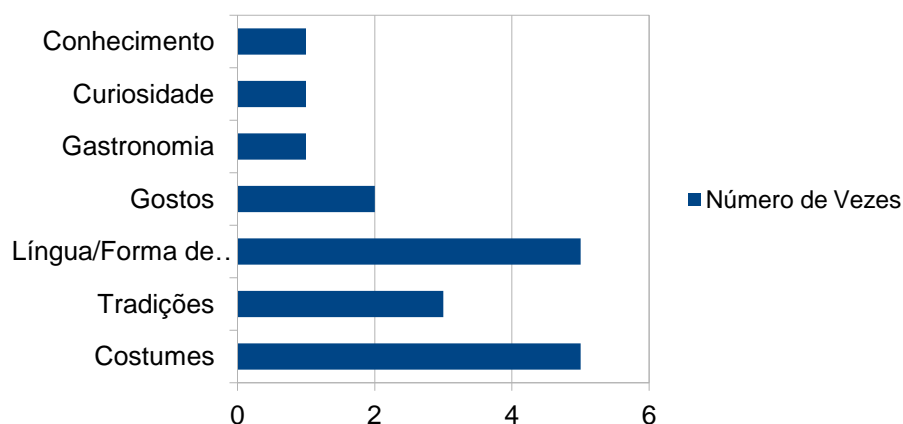
Assim sendo, neste ponto, o nosso objetivo é, através da tabela comparativa já referida, contrastar as respostas aos dois inquéritos, por forma a verificar se houve aquisição de novas aprendizagens.

1.2.1. Significado de Cultura de uma língua estrangeira

Analisando a primeira categoria, A.1. - *Significado de cultura de uma língua estrangeira*, verificámos que este tema significa pouco para os discentes. O seu conteúdo formal encontra-se ligado à cultura geral de cada um e ao meio sociocultural de onde provêm. Também podemos aferir que a tendência geral dos alunos no primeiro inquérito foi afirmar que a cultura é sinónimo de *costumes, tradições, gostos*, etc., revelando bastantes dificuldades ao nível da adjetivação, assim como dificuldades em desenvolver e sustentar as suas ideias. De uma forma geral, as respostas são breves e os alunos repetem na resposta a palavra principal da questão, focalizando-se nos hábitos e no contraste com o país de origem. Exemplo: A.1.1.i “*É uma cultura com tradições e costumes completamente diferentes do nosso país*”. A.1.4.c “*É cultura de um país, que seja estrangeiro...*”.

No gráfico seguinte, apresentamos as palavras mais usadas no inquérito inicial, sob a forma de gráfico, uma vez que “A ideia de conjunto de uma distribuição de frequências pode fazer sobressair aspetos elucidativos quando exposta graficamente (...)” (Luís Pardal, 2011:139). Por isso, e pela “possibilidade que tem de realçar aspetos significativos e

padrões de comportamento dos fenómenos em estudo” (*ibidem*), consideramos útil recorrer a estas representações.

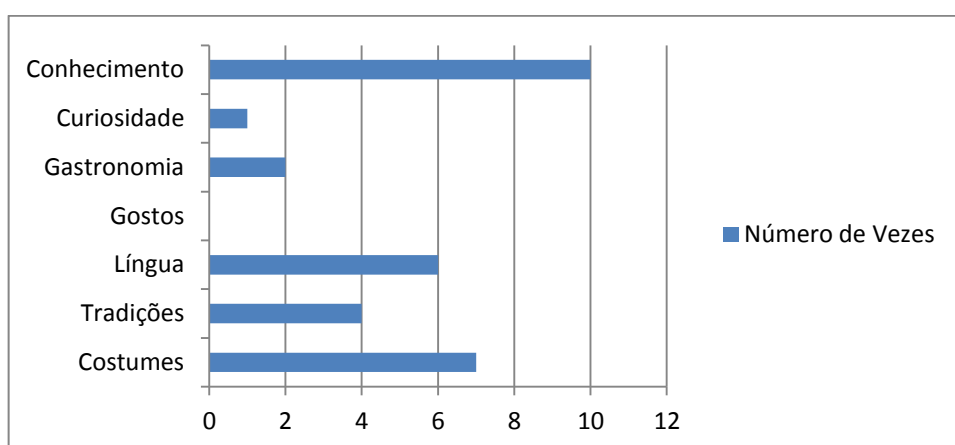


Categoria A.1. Significado de Cultura de uma Língua Estrangeira

Gráfico nº 6: Palavras mais utilizadas no Inquérito Inicial

E todavia, é ainda notória a ausência de conhecimentos de cultura geral, sobre o assunto em questão, apesar de os alunos terem manifestado alguma curiosidade.

No inquérito final, pelo contrário, o leque de vocabulário usado passou a ser bastante mais amplo: surgem palavras como *idioma*, *diferente*, *aprender*, *respeitar*, *conviver*, etc., como demonstra o quadro seguinte. Exemplo: A.1.5.h “...é algo que se aprende lentamente e que é preciso conviver com ela várias vezes, ou diariamente para a conhecer, compreender e respeitar, acima de tudo”.



Categoria A.1. Significado de Cultura de uma Língua Estrangeira.

Gráfico nº 7: Palavras mais empregues no Inquérito Final.

No inquérito final, ainda podemos observar respostas mais complexas e definidoras, mais expressivas em adjetivos e verbos. Empregam-se em maior percentagem palavras como *diferentes* e *novos*, verificando-se a aquisição de alguns conceitos: *hábitos*, *contraste intercultural*, *valorização cultural*, *gastronomia* e *sensibilidade*. Parece haver também um maior rigor na explicitação das ideias, assim como um maior conhecimento do conceito *cultura*, que é definido, em termos gerais, como aquilo que podemos saber e que não tem que ver apenas com o que a Portugal se refere. Por fim, as respostas evidenciam uma maior abertura a culturas estrangeiras, assim como uma maior aceitação e respeito pelo outro.

Apresentamos, de seguida, um quadro-síntese, a fim de sistematizar o exposto acima.

Inquérito Inicial	Respostas Nº de X	Inquérito Final	Respostas Nº de X
Costumes	5	Costumes diferentes Novos costumes Esses costumes Conhecimentos desses costumes Aprender novos costumes	2 2 1 1 1
Língua/Forma de Falar	5	Idiomas Forma de falar Uma nova língua Língua diferente	3 1 1 1
Tradições	3	Tradições diferentes Tradições de outro país Aprender tradições Essas tradições	1 1 1 1
Gostos	2		
Gastronomia	1	Novas comidas	2
Curiosidade	1		
Conhecimentos	1		
		Características diferentes	2
		Certas coisas são vividas nesses países	1
		Utilização de verbos: aprender, conhecer, compreender, respeitar, conviver	10

Categoria: A1. Significado da Cultura de uma Língua Estrangeira
Quadro 5: Palavras mais empregues nos inquéritos

Gostaríamos ainda de salientar que três alunos não responderam a esta questão e que, de uma forma geral, os discentes deram uma maior importância à segunda questão, que analisaremos a seguir. Acreditamos que isso se ficou a dever à falta de conhecimentos sobre o tema e/ou talvez a dificuldades de expressão escrita. Outra razão poderia ser o facto de os alunos considerarem a Semana Santa o tema principal do questionário, privilegiando a sua análise, em detrimento de outros aspetos.

1.2.2. – Semana Santa

1.2.2.1. - Comemoração da Semana Santa em países hispanos

Nesta categoria, o assunto é mais específico, pois focaliza uma festividade em concreto: As comemorações da Semana Santa em Espanha e países hispânicos. As respostas são muito mais elaboradas que na primeira categoria, prevalecendo o sentimento religioso e o contraste cultural religioso entre países hispânicos.

No inquérito inicial, a abordagem ao tema em concreto “A Semana Santa” apresentou-se sem grande reflexão e contexto; as respostas são geralmente curtas e simples, sem conteúdo expressivo e têm pouca informação, uma informação de folheto. 60% dos alunos respondeu que não possuía conhecimentos sobre a festividade; porém, demonstrou interesse em conhecer este dia festivo com maior detalhe. 100% dos alunos manifestaram a certeza de que a Semana Santa se refere a uma festa religiosa, considerando que a sua formação católica se assemelha com a das culturas apresentadas – as culturas hispânicas. Exemplo: A.2.1.g “*Celebra a morte e ressurreição de Jesus Cristo...é celebrada através de procissões*”.

No primeiro inquérito, parece prevalecer o sentimento religioso, como o mais interiorizado, pelo que entendem que deve haver diferenças (contraste entre as várias celebrações) entre os países hispânicos; outros não conhecem o acontecimento, mas demonstram interesse em vir a saber sobre ele. As respostas A.2.1.i/g referem comemoração, procissões, festejo, celebrações, mas não vão mais além. E nas respostas A.2.b/f, a primeira aceita a importância da festividade e a segunda tenta dar uma versão coerente com a cultura portuguesa com referência ao espanhol. Enquanto em A.2.1.a/c/d/e/h/j dizem ter desconhecimento da forma de festejar estas datas.

Inquérito Inicial	Respostas Nº de X	Inquérito Final	Respostas Nº de X
1. Procissões	3	1.Procissões 2.Representações 3.Ritos 4.Rituais religiosos: 5.Vigília Pascoal, 6.Confraria, 7.Penitentes, 8.Nazarenos, 9.Banda de Música, 10.Cruz de Guia, 11.Cânticos melancólicos, 12.Costaleiros, 13.Andores, 14.Vela, 15.Saetas, 16.Irmandades, 17.Desfiles de andores, 18.Círios, 19.Túnicas de Nazarenos, 20.Piropos às imagens, 21.Incenso, 22.Flor de Laranjeira	5 2 3 18
2.Festejos	2	23.Comemoração/ 24.Celebração anual e cristã	6
3.Celebrações	2	Grande festa cristã	2

		Festa cristã	3
		Tradição distinta	11
		Começa no Domingo de Ramos e acaba no Domingo de Ressurreição	13
		Quarta-feira de Cinzas	1
		Quinta-feira Santa	2
		“Viernes de Dolores”	1
4.Morte e 5.Ressurreição de 6.Jesus	2	25.Paixão, 26.morte e 27.ressurreição de 28.Jesus/Cristo/de 29.Nazaré	14
Muito importante para o povo	1	É muito intensa.	1
		Riqueza artística.	1
		Luxo/simplicidade	2
		Silêncio, austeridade	1
País muito 7.católico	1	Grande tradição religiosa	4
8.Cristãos	1	Religiosidade popular	1
9.Santos	1		
Não se pode comer carne	1		
Jesus	2	Entrada de Jesus Cristo em Jerusalém	1
		Férias, turismo	1
		Utilização de Vocabulário novo: saetas, Costaleiros, nazarenos.	

Categoria: A2. Semana Santa

A.2.1. Comemoração da Semana Santa em Espanha e nos países hispânicos.

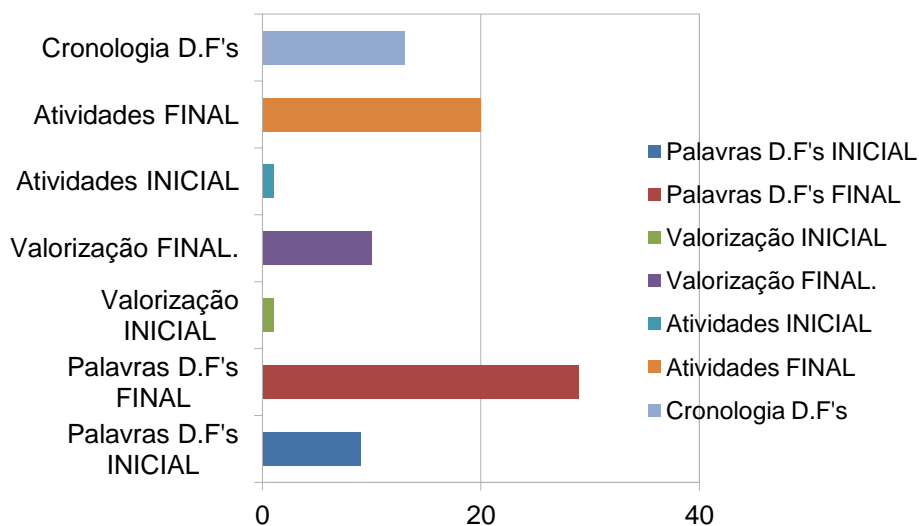
Quadro 6 Comparação Inquérito Inicial e Final

Nas respostas do Inquérito Final, podemos observar respostas muito mais completas, com informação sobre o período de tempo em que se festeja; falam das tradições, conhecem e utilizam o nome de alguns intervenientes na festividade. Fica, com certeza, manifestada a grande atração pelas festividades realizadas no sul da Espanha, onde os rituais são tão efusivos e marcantes. Utilizam vocabulário diverso e específico para este tipo de dias festivos. Todos responderam com conhecimentos relevantes. Isto é palpável ao observar a tabela efetuada: são muito mais coerentes nas respostas, com utilização de um vocabulário próprio dos D.F's em causa, e torna-se um facto o conhecimento de práticas, também elas, próprias. Quanto ao conhecimento cultural religioso, as respostas retratam um saber mais apurado e evoluído, refletido pela descrição pormenorizada dos rituais daquelas manifestações e pela utilização de termos como “saetas”, “bandas”, “viernes de Dolores” e “nazarenos”. Sentimos que foi possível despertar o sentido adormecido pelo conhecimento dos factos religiosos.

As respostas passam a ser um exemplo demonstrativo de um conhecimento adquirido mais apurado, com a informação válida, verdadeira e autêntica, que se enquadra nos D:F's. Os alunos *a/b/c/d/f/g/i/j*, na subcategoria *A.2.1.1.*, definem a Semana Santa como uma comemoração anual, uma celebração cristã, que pode ser catalogada de intensa

e colossal na Espanha e na América Latina. Os discentes *c/e/f/g/h/i*, na subcategoria A.2.1.2., referem que os dias festivos são festejados de diferentes maneiras; nesta categoria, 100% dos inquiridos apresentam um conhecimento cultural religioso sobre a festividade, com novo vocabulário, no que concerne aos D.F's. Podemos verificar tudo isto na tabela apresentada. Aí, encontramos palavras como: Vigília Pascoal, Confraria, Penitentes, Nazarenos, Banda de Música, Cruz de Guia, Cânticos melancólicos, Andores, Vela, Saetas, Irmandades, Desfiles de andores, Círios, Túnica de Nazarenos, Piropos às imagens, Incenso, Flor de Laranjeira. Os discentes dominam muita informação e há um interesse geral pelas práticas realizadas no sul de Espanha, concretamente na Andaluzia. Tudo isto porque a sua grandeza, o movimento, a devoção e o rito cativam os alunos nos diferentes momentos partilhados na sala de aula.

Salientamos, como muito positivo, o facto de as diferentes sessões aplicadas a este grupo terem sido sumamente aproveitadas, pois as respostas demonstram, da parte dos alunos, um conhecimento alargado, a correta utilização de um vocabulário que anteriormente não conheciam e uma das coisas mais importantes, hoje em dia: a inclusão de valores, que constituem os eixos norteadores do nosso estudo.



Categoria A.2.1. Comparação da Semana Santa em Países Hispânicos
Gráfico nº8 Comparação Inquérito Inicial e Final

1.2.2.2. Opinião sobre as comemorações da Semana Santa

O sentimento religioso torna a prevalecer nesta categoria. Os alunos consideram importante e enriquecedor o conhecimento sobre estas comemorações. Para uma maioria,

descobrir as diferenças é um elemento fundamental e a riqueza ritual de cada uma das culturas hispânicas é um fator primordial de qualquer ser humano; no entanto, para uma minoria, acaba por ser um problema – alguns desconhecem, outros não querem opinar sobre o tema.

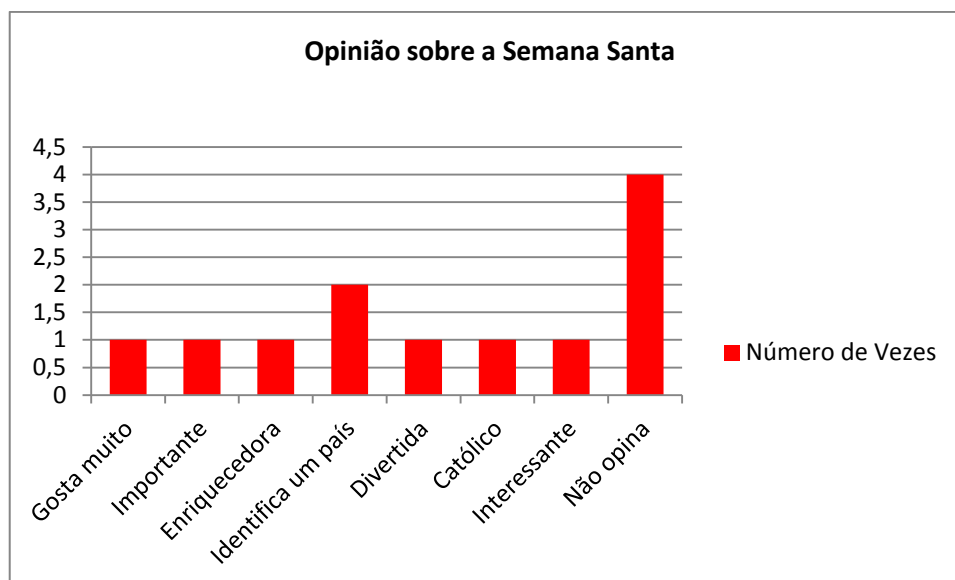
Inquérito Inicial		Inquérito Final	
Gosto muito	1	Gosto muito de todos os costumes	1
Sou católico e adoro Jesus Cristo	1	O que eu mais gosto dos costumes...são as procissões, Domingo de Ramos e Quarta-feira de Cinzas	1
É muito importante	1	O que mais gosto: das procissões, do Domingo de Ramos, da quarta-feira de Cinzas.	1
Muito enriquecedor	2	Sou cristão	1
Deve ser divertido	1	É muito importante por ser religiosa	1
Melhor maneira de identificar um país	2	É algo de muita importância e que cativa muitos estrangeiros	1
Vale a pena ver os seus espetáculos	1	É uma grande manifestação cultural e artística	1
		Acho muito importante	
		São muito bonitas as diferentes maneiras de celebrar	1
N.R.	4	NR	3

Categoria: A2. Semana Santa

A.2.2. Opinião sobre as comemorações da Semana Santa.

Quadro 7 Comparação Inquérito Inicial e Final

No primeiro inquérito, mais uma vez notámos uma generalidade de conhecimentos, tratados com superficialidade, na elaboração da sua opinião, faltando uma maior profundidade sobre o assunto e também ausência de espírito crítico, como podemos observar no gráfico 4, quando os alunos *a/c/d/e/f* afirmam “*Gosto muito.*”, “*É muito importante.*”, etc.



Categoria A.2.2. Opinião sobre as Comemorações da Semana Santa em países hispânicos
Gráfico de Barras nº 9: Inquérito Inicial

No inquérito final, verificámos uma evolução, não só no que diz respeito a um aumento de conhecimentos sobre o assunto em questão, como por exemplo, mencionado pelo aluno *c* “*O que mais gosto: das procissões, do Domingo de Ramos, da quarta-feira de Cinzas.*”, mas sobretudo no seu poder crítico, relatado pelo discente *f* “*Gosto muito de todos os costumes, pois sou cristão durante a Semana Santa ... muito luto a Jesus. Mas tudo o que nós fazemos só servira para acrescentar mais um grãozinho de areia para algum dia conseguirmos agradecer-lhe completamente a grande “praia” que Ele fez por nós*”.



Categoria A.2.2 Opinião Final sobre as Comemorações da Semana Santa
Gráfico de Barras nº 10: Inquérito Final

1.2.3 - Contribuição das aulas para a aprendizagem

Nesta categoria, é muito interessante encontrar, como opinião geral de todos os alunos, o facto de reconhecerem como algo muito importante a contribuição das aulas de cultura no alargamento de novos horizontes, do conhecimento e da sua afetividade para com a língua espanhola. Demonstram ainda curiosidade pela língua e valorização pelo contraste intercultural entre o que sabem da sua cultura de origem e o da língua estrangeira, bem como ainda do valor acrescido na construção de relações interpessoais. Definem essa contribuição, por exemplo, numa maneira de poder saber mais sobre o país vizinho, Espanha. Existe uma grande empatia para com o conhecimento sobre Espanha e a proximidade dos países hispânicos.

Nesta categoria, os inquiridos transparecem sentir admiração e respeito pelos D.F's. Este facto deve-se, sem dúvida, e, como comentámos antes, ao facto de partilharem uma mesma raiz de cultura católica, que coincide na devoção e no amor.

Outras respostas opinam sobre a importância dos D.F's e da sua enorme riqueza, a todos os níveis. Uns 40 % responderam não saber nada e por isso também não opinam.

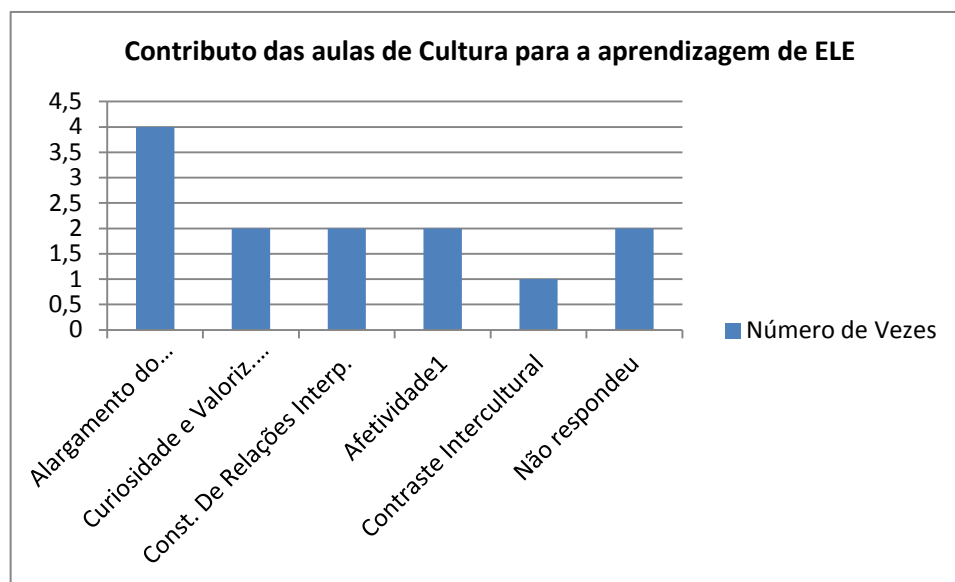
Inquérito Inicial	Nº de X	Inquérito Final	Nº de X
Alargamento do conhecimento	4	Alargamento do conhecimento	7
Curiosidade e valorização cultural	2	Curiosidade e valorização cultural	2
Construção de relações interpessoais	2	Construção de relações interpessoais	1
Afetividade	1	Afetividade	1
Contraste intercultural	1	Contraste intercultural	3
Não respondeu	2	Não respondeu	2

Categoria: A.3. Contribuição das aulas de Cultura para a aprendizagem.

Quadro 8: Contributo inicial e final

No inquérito inicial, como poderemos verificar no gráfico abaixo ilustrado, as respostas que pertencem a subcategoria *Alargamento de Conhecimento* são as mais numerosas; seguidamente, as da subcategoria *Construção de relações interpessoais* como a base para a comunicação com as pessoas da outra língua. Na resposta do discente *e*, referente ainda à subcategoria A.3.4. é pertinente salientar que a valorização das aulas de cultura, que servem não só para desenvolver a língua, mas também para melhor comunicar.

Ainda neste primeiro inquérito, os alunos sentem curiosidade relativamente a tudo o que se consagra à inovação, como podemos verificar na resposta do aluno A.3.3.c: - “*É bom sempre saber novas coisas*”. Notamos também que uns vinte por cento não responderam.

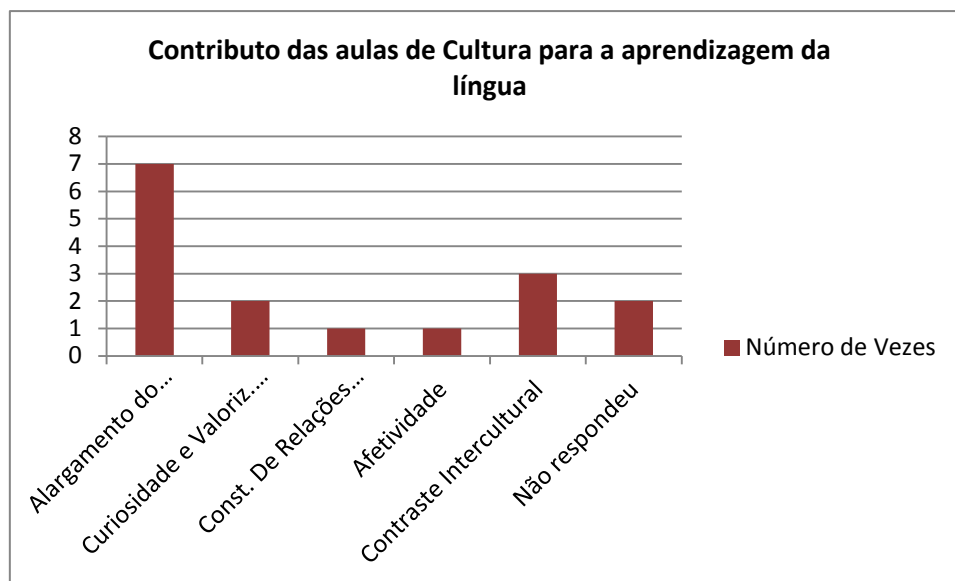


Categoria A.3. Contributo das aulas de Cultura para a aprendizagem de ELE
Gráfico 11: inquérito inicial

Nas respostas do inquérito final, afiançámos a ideia de admiração e respeito que sustentaram as respostas do Inquérito Inicial, mas apresentam mais elaboração, são muito mais produzidas e completas. Observamos tudo isto nas respostas dos discentes A.2.2.1.e/f/i/h que referem a importância da festa, com cariz cristão; nas respostas A.2.2.3.e/h, acrescentam ser uma festa cultural e artística, assim como de interesse turístico. O aluno A.2.2.2.e conta que gosta dos D.F's em todos os países hispânicos, mas gosta muito da forma de celebração na Espanha.

Com toda a naturalidade, os discentes estão conscientes e consideram os D.F's como uma experiência digna de estima e consideração.

No inquérito final, é de destacar a confirmação da importância no contributo da aprendizagem da língua, com a validação da sua aprendizagem, como um suporte ao estudo da língua. As respostas dos discentes A.3.2.i/d/g insistem em que são muito boas e importantes.



Categoria A.3. Contributo das aulas de Cultura para a aprendizagem de ELE
Gráfico 12: inquérito final

Como se podia prever, todos os estudantes, tanto no inquérito inicial, como no inquérito final coincidem em assegurar que é muito enriquecedor, motivador e facilitador da aprendizagem do idioma, a inclusão das aulas de cultura: comentam que é um contributo para alargar os seus conhecimentos; saber da cultura do outro país é poder falar de outra maneira, e mais ainda, é interessante saber mais coisas do outro país.

É evidente que as aulas de cultura nas diferentes facetas podem ser, sem dúvida, uma mais-valia para o estudo da língua. Preparar-nos nesse sentido, pode ser um tempo proveitoso, que depois pode ser transmitido com conhecimentos na sala de aula e fará dos nossos alunos, discentes interessados e, sobretudo, conscientes da qualidade dos sentimentos, da presença de valores e, sem dúvida, do interesse que possa despertar.

A análise dos inquéritos permitiu-nos constatar que não existe uma conotação negativa presente na relação dos discentes com a Cultura, pois não foi assinalada em nenhuma das respostas uma indicação desse tipo em relação ao apresentado.

Toda esta análise permitiu-nos deduzir que a cultura pode chegar a ser uma representação na sala de aula marcadamente positiva. Justificam-no os resultados. A introdução do saber sociocultural mediante atividades que possam desenvolver com qualidade permitirá uma prática comunicativa plena:

“...los contenidos socioculturales poseen potencialidad propia para constituirse en temas transversales que estructuren una propuesta curricular, plasmada tanto en materiales didácticos como en la estrategia didáctica del docente...” (Pozzo, María Isabel; Fernández, Susana S., 2008:104).

CONCLUSÃO

Antes de mais, acreditamos que esta experiência de formação encerrou uma série de valores profundamente pedagógicos. Esperemos que ela consubstancie modificações comportamentais, que proporcione o desenvolvimento de capacidades intrínsecas e permita ainda o assumir de atitudes vivenciais mais coerentes, nomeadamente nos diversos momentos de aprendizagem na sala de aula, no dia a dia escolar.

Pensamos ainda que é uma excelente oportunidade para consolidar e aprofundar a aquisição de conhecimentos na relação interativa biunívoca emissor-recetor. É tornar possível e, com mais assertividade, alcançar objetivos, entre os quais o “fazer melhor” e o “motivar adequadamente” são os mais expressivos. E muito importante: preparar hispano-falantes para que no contexto sociocultural real da vida consigam aplicar os seus conhecimentos; no fundo, para que o papel do professor se cumpra.

De facto, são muitos os fatores e parâmetros que fazem depender o êxito ou o fracasso do desempenho do papel do professor de espanhol. A utilização de inúmeras ferramentas específicas, que se utilizam neste tipo de estudos - ensino de línguas -, deve contribuir para o crescente desempenho escolar do aluno, preparando-o para além dos testes, contribuindo para a sua preparação integral, enquanto membro ativo da sociedade, onde, naquele momento, se integra.

O Professor de Espanhol é um comunicador de uma língua que é falada por mais de 500 milhões de pessoas, inseridas em muitas culturas diferentes e interessantes. Tal facto permite-nos aceder a patamares ricos de diversidade e de conteúdo sociolinguísticos, o que contribui para o enriquecimento cultural e científico dos diversos campos do ensino-aprendizagem do aluno.

Conhecer toda a comunidade educativa à qual pertence o professor vai implicar que, enquanto formador, educador e orientador seja mais coerente com o meio, quando escolha os assuntos didáticos, os suportes da transmissão de conhecimentos, etc. Implicará ainda uma modificação da estrutura das unidades didáticas em relação à realidade. Trabalhar com conhecimento dos projetos da escola, da turma, dos interesses dos alunos, suporá maior esforço na sua (do professor) planificação (do global ao específico), mas também reverterá em benefício de uma prática docente de maior autonomia.

Fazendo um balanço do projeto, consideramos que foi muito positivo, quer para os estudantes, quer para o professor, uma vez que os alunos adquiriram alguns conhecimentos culturais. Senão vejamos.

Os inquéritos finais mostram a clara evolução dos alunos, um maior interesse pela procura, aprendizagem e alargamento de horizontes temáticos. A cultura passou a ter outra dimensão, outro alcance, assumindo-se como um meio para conhecer outros povos, as suas características socioculturais, num clima de aceitação e compreensão das diferenças. Podemos, portanto, depreender que as aulas sobre cultura tiveram uma importância vital na aprendizagem do conceito *cultura*, assim como na promoção da interação entre os alunos, onde o diálogo deixa de lado futilidades e estereótipos, criando-se, assim, as condições necessárias para interagir com outros povos.

Apesar da aquisição de novos conhecimentos por parte dos alunos constituir um ganho importante para nós, consideramos que o mais significativo foi a consciencialização, através da interação com o professor, com os colegas e com novas realidades, da importância da cultura para o desenvolvimento de competências linguísticas, uma vez que os conhecimentos adquiridos podem ser esquecidos, ao contrário dos valores que tenhamos enraizados.

De facto, assumir uma nova atitude, mais recetiva e menos estereotipada, parece-nos ser o logro mais crucial da implementação deste projeto, já que a estimulação da curiosidade dos alunos poderá permitir não só o aprofundamento dos temas vistos, como também a abordagem de outros.

Assim, concluímos que a utilização das *Festividades em países hispânicos* como estímulo para a futura aquisição de conhecimentos de carácter sociocultural teve êxito, pois, de forma geral, despertou o interesse dos alunos e proporcionou-lhes uma maior abertura à aprendizagem.

Com isto, esperemos que se abram novos caminhos, novas maneiras criativas para melhor planificar as aulas e transmitir os diversos saberes, procurando, sempre que possível, articular a Cultura com a Língua, por forma a tornar as aulas mais enriquecedoras e produtivas.

De forma geral, cumprimos os objetivos, demos resposta às questões definidas inicialmente e foi possível inserir esta análise no enquadramento teórico. No entanto, entendemos que não basta isso, mas o começo está feito e o pretendido, se não for conseguido, foi discutido, foi abraçado em toda a sua totalidade.

1. Limitações ao estudo

Chegados a este ponto, temos consciência de que as limitações para a realização do nosso trabalho foram imensas. A maior parte delas, quiçá, na ocasião passadas despercebidas.

Desde o programa para cumprir ao encaixe desta temática na planificação já estipulada e aprovada pela escola, deparámo-nos ainda com uma série de dificuldades, como a falta de tempo para podermos apresentar detalhadamente os elementos do nosso estudo, considerados relevantes para analisar o comportamento de aprendizagem dos alunos.

A nossa própria dispersão por outras disciplinas impediu-nos de nos concentrarmos no que vai acontecendo na turma onde introduzimos as nossas abordagens ao estudo em desenvolvimento.

De igual forma, houve limitações pessoais no dia a dia que só são ultrapassadas pela nossa vontade firme de atingir uma meta. Falta-nos tempo e interdiálogo com outros professores para amadurecermos as nossas estratégias, face às dificuldades encontradas e torneadas com a troca de experiências que deveria ocorrer com fluidez.

A limitação temporal de interagirmos com o estudante, no âmbito da escola e fora da sala de aula, nas chamadas atividades extracurriculares: as festas, os campeonatos desportivos, o teatro, a música...

O professor, como já exprimimos ao longo do nosso trabalho, precisa de refletir sobre o que transmitiu (ensinou) e sobre o que recebeu como resultado dessa sua ação. Por isso, precisaria de aplicar métodos de recolha de resultados. Quase sempre não o faz, ficando-se, muitas vezes, pelos testes que, por si só, são limitativos ao objetivo final do nosso estudo.

Penso, como tudo que acontece na vida, quando chegamos ao fim, neste caso, correspondendo a apresentação do nosso estudo, é que passamos a estar em condições de o principiar.

2. Sugestões de investigação

Chegados a este ponto, importa refletir sobre o nosso trabalho como fonte de incentivo de mais saber e aprender para melhor podermos transmitir. Pois bem, os conteúdos abordados são demonstrativos de que mais reflexão se impõe fazer sobre os

mesmos. De facto, o saber seria isso mesmo: uma constante reflexão sobre o aprendido e interiorizado com o objetivo de ser possível dar um passo em frente, mais um passo no conhecimento futuro, anulando ou reduzindo o obscurantismo que nos rodeia; por vezes, por rejeitarmos, colocamos em causa tudo aquilo que nos é apresentado como adquirido. O saber, o possuir conhecimentos, nunca se esgotará, tal como a evolução socioeconómica humana. Assim temos o saber em constante evolução e crescimento.

O nosso trabalho, por agora, abordou aquilo que nos pareceu pertinente quanto ao estímulo de ensinar uma língua estrangeira, recorrendo a factos e elementos culturais de interesse ao comportamento de vida dos estudantes no momento da aprendizagem. Cativar a atenção para que surja a vontade de indagar, pesquisar e aprender coisas que contribuam para a nossa expressão e saber são imperativos. A mente humana alarga-se com esses “imputes” passando a ser mais flexível ao saber. *Quanto mais se sabe, menos se sabe*, pensamos já ter ouvido alguém referi-lo.

No nosso trabalho, deixamos alguns elementos para que no futuro seja possível interagirmos melhor com os dias festivos na aprendizagem da língua estrangeira.

Seria importante analisar, com o passar dos tempos, como esses dias festivos se foram adaptando aos novos valores culturais e sociais existentes naquela mesma comunidade que, entretanto, cresceu, morreu e tornou a nascer. O comportamento normal regenerativo de uma qualquer comunidade humana. A substituição dos seres por outros é um facto. Com ela, vai-se modificando e ajustando comportamentos, valores, saberes, conhecimentos e tudo aquilo que define os seres humanos como seres pensantes.

E por que não também estudar a componente histórica dos dias festivos, nomeadamente a sua origem e evolução?

Paralelamente, até seria possível num estudo desse tipo descortinar o porquê de algumas gerações, no âmbito da mesma comunidade, apresentar mais apetência e interesse para saber determinados temas:

Será que sempre teremos a influência socioeconómica a determinar o comportamento humano?

Será o materialismo a comandar o rumo da evolução humana?

Será que a vontade de alargarmos o nosso campo de conhecimentos, os nossos chamados horizontes, tem por objetivo saciarmos a nossa necessidade de sermos, enquanto animais sociáveis?

A aprendizagem quando é interativa e rica em saberes se efetivará com mais facilidade. A transmissão de conhecimentos pelo professor aos discentes se tornará mais fácil, mais biunívoca e interativa? Provavelmente, sim.

Aqui ficam algumas das nossas sugestões. Acreditamos que, em prol de uma boa prática docente, devem continuar a desenvolver-se estes círculos concêntricos de transmissão de conhecimentos.

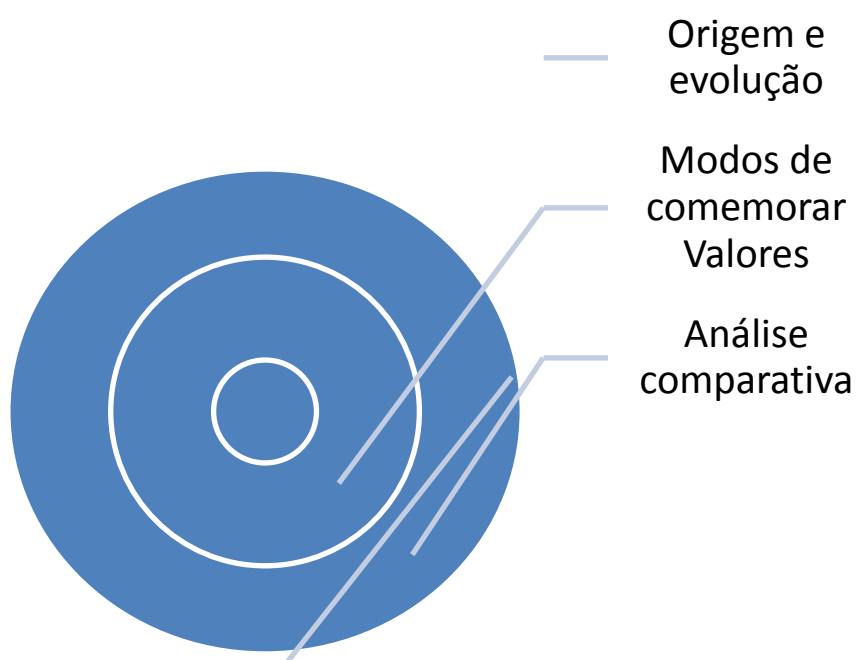


Diagrama 3: Uma abordagem na evolução da Transmissão de Conhecimentos no Ensino dos dias festivos no ensino de uma Língua Estrangeira

Bibliografia/Webgrafia:

Agromayor, L. (1987). *España en fiestas*. Madrid: Aguilar.

Assis, J. (2008). *A cultura na aula de Espanhol como língua estrangeira: relato de experiência*. In Juíz de Foro, v.1, n.2, Educação em destaque.

Baker, C. (1997). *Fundamentos de Educación Bilingüe y Bilingüismo*. Londres: Cátedra.

Bardin, L. (2004). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Berwig, C. (2004). *Estereótipos Culturais no ensino-aprendizagem de Português para estrangeiros*, Curitiba: Dissertação de Mestrado.

Bizarro, R. & Braga, F. (2005). Da (s) cultura (s) de ensino ao ensino da (s) cultura (s) na aula de Língua Estrangeira. *Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*, org. Secção de Linguística do Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos (FLUP). Vol.II. Biblioteca digital da FLUP. Disponível em (<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4609.pdf>).

Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação. Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.

Bogdan, S. & Taylor, S. (1975). *Introduction to qualitative research methods – a phenomenological approach to the social sciences*. New York: Wiley-Interscience Publication John Wiley & Sons.

Bourdieu, P. (1979). *Capital cultural, escuela y espacio social*. Siglo xxi editores, s.a. de c.v.

Brislin, R. (dir) (1990). *Applied Cross-Cultural Psychology*, Londres: Sage.

Carmo, H. & Ferreira, M. (1998). *Metodologia da investigação: guia para a autoaprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Castro, M^a D. & Pueyo, S. (2003). El aula, mosaico de culturas. In *Segunda Etapa Carabela*, n° 54. Madrid: Sgel.

Cestero Mancera, A. (2004). La Comunicación no Verbal. In Sánchez Lobato (coords.), *Vademécum para la formación de profesores*. Madrid: Sgel.

Cooper, D. & Schindler, P. (2001). *Métodos de Pesquisa em Administração*. Bookman: São Paulo.

Del Pino Morgádez, M. et al. (2009). *Español 2, Nivel elemental II*. Porto: Porto Editora

Delgado, H. (2004). *O Ensino da Cultura como Propulsor da Abertura de Possibilidades na Aprendizagem de Língua Estrangeira*. In Sarmiento, S. & Müller, V. (Orgs.). *O ensino de inglês como língua estrangeira: estudos e reflexões*. Porto Alegre: APIRS.

Denis, M. & Pla, M. (2009). Para una didáctica del componente cultural en clase de E/LE. *Monográfico*, 9. Disponível em: http://www.marcoele.com/descargas/expolingua_1999.denis-matas.pdf

Estaire, S. & Zanón, J. (1990). El diseño de unidades didácticas mediante tareas: principios y desarrollos. *Comunicación, Lenguaje y Educación*, 7.

Gaias, I. (2005). *Estudo dos Estereótipos Culturais ente estudantes brasileiros de Língua Espanhola*. UFPR, Curitiba: Dissertação de Mestrado.

Galisson, R. (1999). *Quel statut revendiquer pour les cultures en milieu institutionnel ?* In Galisson, R. & Puren, C. (1999). *La Formation en questions*. Paris: Clé International.

García García, P. (2004). La cultura, ¿universo compartido? La didáctica intercultural en la enseñanza de idiomas. *Revista RedELE* [En línea]. N° 0. Documento. Disponível em <http://www.mec.es/redele/revista/index.shtml>

Garrido Ruiz, A. (2002). El componente cultural en el aprendizaje de E/LE. In *Forma, Formación de Formadores nº 4 – Interculturalidad*. Madrid: Sgel.

Gelabert M. J. et al (2002). *Producción de materiales para la enseñanza de español*. Arco/Libros, S.L. Madrid: Universidad Complutense.

Goettenauer, E. (2005). Espanhol: língua de encontros. Sedycias, J. (Org.) *O ensino do espanhol no Brasil: passado, presente, futuro*. São Paulo: Parábola Editorial.

Gonçalves, L. & Araújo e Sá, M. H. (2005). *A investigação-Ação como estratégia de formação colaborativa de professores: um projeto focalizado na exploração didática de estratégias de aprendizagem e uso de Inglês Língua Estrangeira*. In I. Alarcão et al. (orgs.), *Supervisão – investigações em contexto educativo*. Ponta Delgada: Universidade de Aveiro, Governo Regional dos Açores – Direção Regional de Educação e Universidade dos Açores.

González Blasco, M. (2009). Aprendizaje intercultural: desarrollo de estrategias en el aula. In *Monográficos marco ELE*, nº9.

Gouveia, L. (2002). Diários: instrumentos de diagnóstico, instrução e avaliação. In *5º Encontro Nacional sobre o Ensino das Línguas Vivas no Ensino Superior- Novas tecnologias - Novas perspectivas – Novas fronteiras*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Guillén Díaz, C. (2004). Los contenidos culturales. In Sánchez Lobato (coords.), *Vademécum para la formación de profesores*, Madrid: Sgel.

Gutiérrez Rivilla, R. (2002). Directrices del Consejo de Europa: El Marco común europeo de referencia para las lenguas: aprendizaje, enseñanza, evaluación. In Sánchez Lobato (coords.), *Vademécum para la formación de profesores*, Madrid: Sgel.

http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/1884/2297/1/carla_final.pdf

http://elies.rediris.es/Language_Design/LD11/LD11-05-Lucia.pd

<http://ipsb.info/>

<http://pt.scribd.com/doc/25176004/Primitive-Culture-Tylor-Edward-Burnett-vol-1>

http://sitio.dgicd.minedu.pt/recursos/Lists/Repositrio%20Recursos2/Attachments/724/Quadro_Europ_eu_total.pdf

<http://www.dgicd.min-edu.pt/ensinobasico/index.php?s=directorio&pid=143&ppid=3>

http://www.educacion.gob.es/dctm/redele/MaterialRedEle/Revista/2004_00/2004_redELE_0_12Garcia.pdf?documentId=0901e72b80e0c9af

<http://www.freguesiadebustos.eu/>

<http://www.museusaopedro.org/roteiro/bustos.htm>

http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arss_03355322_1979_num_30_1_2654

http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/cultr/documents/rc_pc_pccultr_doc_03061999_pastoral_po.html

Iglesias Casal, I. (2003). Construyendo la competencia intercultural: sobre creencias, conocimientos y destrezas. In *Segunda Etapa Carabela*, nº 54. Madrid: Sgel.

Iglesias-Casal, I. (2000). Quadro europeu comum de referência para as línguas - Aprendizagem, ensino, avaliação. In *Diversidad cultural en el aula de E/LE: La interculturalidad como desafío y como provocación*, in Espéculo, Madrid: servicio de publicaciones de la Universidad Complutense.

Instituto Cervantes (2006). *Plan curricular del Instituto Cervantes. Niveles de referencia para el español*. Madrid: Instituto Cervantes - Biblioteca Nueva. Disponible en: http://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/plan_curricular/

Kramsch, C. (1998). *Language and culture*. Oxford: Oxford University Press. Disponible en: <http://dspace.c3sl>.

Laraia, R. (2004). *Cultura: um conceito antropológico*. 17.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Latorre, A. (2003). *La investigación-acción. Conocer y cambiar la práctica educativa*. Barcelona: Editorial Graó.

López Fernández, C. (2005). *El componente cultural en la enseñanza de ELE a través de los medios de comunicación y su aplicación en el aula*. Disponible en: <http://www.mepsyd.es/redele/biblioteca2005/lopez/intro.pdf>

Luque Durán, J. (2009). Claves culturales e imaginológicas de los textos argumentativos. In Ponencia presentada a la *III Conferencia Internacional de Hispanistas de Rusia*. Moscú, 19-21 de mayo de 2009.

Luque Nadal, L. (2009). Los culturemas: ¿unidades lingüísticas, ideológicas o culturales? *Language Designe 11*. Universidad de Córdoba. Disponible en: http://elies.rediris.es/Language_Design/LD11/LD11-05-Lucia.pdf

Melero Abadía, P. (2000). *Métodos y enfoques en la enseñanza / aprendizaje del español como lengua extranjera*. Madrid: Edelsa.

Ministério da Educação (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências Essenciais*. Lisboa: DEB.

Ministério da Educação (2001). *Quadro Comum Europeu de Referência para as Línguas*, Conselho da Europa. Lisboa: Edições Asa.

Ministério da Educação, Departamento da Educação Básica (1997). *Programa Espanhol, Programa e organização curricular*, Ensino Básico, 3º ciclo, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

Miquel López, L. (2004). La subcompetencia sociocultural. In Sánchez Lobato (coords.), *Vademécum para la formación de profesores*. Madrid: Sgel.

Miquel López, L. & Sans N. (2004). El componente cultural: un ingrediente más en las clases de lengua, Cable, nº9, pp.15-21. *Revista RedELE*, nº0.

Mota, A. (2003). *Recordações do Berço*, Porto: Gráfica Firmeza, Lda.

Muñoz López, J. (2008). *Integración de la comunicación no verbal en la clase de ELE*. Madrid. Universidad Antonio de Nebrija.

Nunan, D. (1989). *Designing Tasks for the Communicative Classroom*. Cambridge, Cambridge University Press.

Ontoria Peña, M. (2004). El uso de cortometrajes en la enseñanza de ELE, in *RedELE*, nº9, octubre. Pactor.

Pardal, L. & Correia, E. (2011). *Métodos e Técnicas de Investigação Social*. Areal Editores.

Pereira, M^a L. (2011). Viver a escrita em Português. In *Noesis*, 59, Lisboa, IIE, Julho/Setembro.

Ponce de León Romeo, R. (2006). Reflexiones en torno al aprendizaje intercultural aplicado a la enseñanza de Español en Portugal. In *Como abordar... A escola e a*

diversidade cultural: multiculturalismo, interculturalismo e educação. Porto: Areal Editores.

Poyatos, F. (1994). La comunicación no verbal. Cultura, lenguaje y conversación. Madrid, Istmo. In Muñoz López, J. (2008). *Integración de la comunicación no verbal en la clase de ELE*. Madrid. Universidad Antonio de Nebrija.

Pozzo, I. & Fernández, S. (2008). *La cultura en la enseñanza de español LE: Argentina y Dinamarca, un estudio comparativo*. *Diálogos Latinoamericanos* 14. Disponível em <http://redalyc.uaemex.mx/pdf/162/16201406.pdf>

Projeto Curricular do Instituto de Promoção Social de Bustos – Colégio Frei Gil, 2010 / 2011.

Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1992). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.

Reis, F. (2010). *Como elaborar uma dissertação de mestrado segundo Bolonha*. Lisboa: Pactor.

Ribeiro, L. & Quiroga, V. (2010). *O ensino do espanhol em cursos superiores de tecnologia: propostas com o enfoque por tarefas*. Disponível em <http://www.apeesp.com.br/web/ciplom/Arquivos/artigos/pdf/lilian-ribeiro-valeria-quiroya.pdf>.

Salkjelsvik, K. & Martínez, J. (2007). Cápsulas culturales: el uso de refranes en la clase de E/LE (nivel A2). In *Revista RedELE*, nº11. Disponível em <http://www.mepsyd.es/redele/revista11/Kari%20Soriano.pdf>.

Samovar, L., et al (1998). *Communication between Cultures*. Belmont: Wadsworth Publishing Company.

Santamaría Martínez, R. (2011). *La competencia sociocultural en el MCER y en el PCIC*, Universidad Carlos III. Disponible em: http://www.sgel.es/ele/ficheros/material_didactico/downloads/CongresoSGELRocio%20Santamaria1_234.pdf

Santos Asensi, J. (1996). De la música contemporánea a la didáctica de E/LE. In Cantero Serena, F., *Didáctica de la lengua y la literatura para una sociedad plurilingüe del siglo XXI*. Barcelona: Publicaciones de la Universidad de Barcelona.

Saville-Troike, M. (1989). *The Ethnography of Communication*. New York, Brasil Blackwell.

Serrani, S. (2005). *Discurso e cultura na aula de língua. Currículo. Leitura. Escrita*. Campinas: Pontes.

Soler-Espiauba, D. (2004). La diversidad cultural, elemento didáctico en el aula de ELE. In *Revista RedELE*, nº0.

Soler-Espiauba, D. (2009). Los contenidos culturales en la enseñanza del español como segunda lengua. In *Las XI Jornadas de Estudios de Lingüística*. Investigaciones lingüísticas en el siglo XXI.

Tuckman, B. (2005). *Manual de Investigação em Educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Tylor, E. (1958). *Primitive culture*. Londres. Disponible em: <http://pt.scribd.com/doc/25176004/Primitive-Culture-Tylor-Edward-Burnett-vol-1>

Vermeer, Hans J. (1983). Translation theory and linguistics. In P. Roinila; R.Orfanos & S.Tirkkonen-Condit, eds. *Häkökohtia kääntämisen tutkimuksesta*. Joensuu: University.

Vieira, R. (1999). *Ser igual, ser diferente. Encruzilhadas da Identidade*. Lisboa: Edição Profedições.

ANEXOS



ANEXO 1

- Para ti, o que significa “cultura de uma língua estrangeira”?
- Diz o que sabes sobre a comemoração da Semana Santa em Espanha e nos países hispânicos? Dá a tua opinião, apresentando os teus gostos sobre estes costumes.
- De que modo contribuem para a tua aprendizagem as aulas sobre a cultura espanhola? (conhecer melhor o país vizinho; saber mais sobre cultura/aspectos culturais dos países onde se fala espanhol; maneira mais interessante e divertida de aprender a língua e cultura hispana; melhorar os meus conhecimentos de língua espanhola.)

This image shows a blank sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

87



Antes de leer, ¿crees que estas afirmaciones son verdaderas o falsas?

V	F	Frases	V	F
		La semana santa no es una fiesta religiosa		
		Se celebra la Pasión, Muerte y Resurrección de Jesús		
		Se inicia el Viernes de Dolores		
		Se empezó a celebrar hace pocos años		
		En todos los lugares se celebra igual		
		En España no hay tradiciones diferentes		
		En el Sur de España son de grandes proporciones		
		En estos siete días no hay cambios en Andalucía		

http://www.todoele.net/actividades/Actividad_maint.asp?s_keyword=&s_gramatica=&s_funciones=&s_cultura=Fiestas&Actividad_id=367



SEMANA SANTA

La **Semana Santa** es la celebración anual cristiana de la Pasión, Muerte y Resurrección de Jesús de Nazaret, es decir, celebrar y recordar sus últimos días. Comienza el Domingo de Ramos y finaliza el Domingo de Resurrección, aunque su celebración se inicia en varios lugares el viernes anterior (Viernes de Dolores) y se considera parte de la misma el Domingo de Resurrección.

La Cuaresma es el inicio de este periodo, que finaliza en la **Semana de Pasión** donde se celebra la eucaristía en el Jueves Santo, se conmemora la Crucifixión de Jesús el Viernes Santo y la Resurrección en la Vigilia Pascual durante la noche del Sábado Santo al Domingo de Resurrección.

Durante la Semana Santa tienen lugar numerosas muestras de religiosidad popular a lo largo de todo el mundo, destacando las procesiones y las representaciones de la Pasión.

La Semana Santa alrededor del mundo

La Semana Santa se celebra con ritos, actividades, tradiciones y formas muy diferentes variando la región geográfica donde se realice, pero coinciden en la conmemoración de la vida, pasión, muerte y resurrección de Jesús de Nazaret.

La celebración de procesiones en la Semana Santa tiene su origen a finales de la Edad Media, cuando los franciscanos se encargan de organizar las procesiones. Desde entonces la celebración ha conocido momentos de esplendor y otros más bajos, viviendo actualmente un período de apogeo. En España se han conservado muchísimas tradiciones diferentes, algunas de una enorme espectacularidad.

Semana Santa en Andalucía

Las procesiones en Andalucía y en la región murciana son de grandes proporciones, y dan lugar a grandes manifestaciones de religiosidad.

Durante la **Semana Santa**, las cofradías realizan procesiones, que consisten en salir con un cortejo organizado, que comienza habitualmente con la cruz de guía, acompañada a los lados por faroles, y continúa con filas de penitentes o nazarenos. Normalmente podemos ver dos pasos, uno con un momento de la pasión de Cristo, y el otro con la Virgen bajo palio. Cada uno va acompañado de música, salvo que sean de silencio.

A lo largo de estos siete días, Andalucía se transforma y los andaluces, con sus mejores galas, salen a la calle para celebrar **la Semana Santa**. Descubrirás imágenes de una gran riqueza artística que se pasean por las calles entre las cálidas luces de los cirios, el colorido de las túnicas de los nazarenos y la música de las bandas de tambores y cornetas. Con todo ello, unido a la mezcla de olores a incienso y azahar, se despierta un sentimiento de privilegio en todo aquel que lo presencia.

Texto adaptado de turismo Andalucía

http://www.todoele.net/actividades/Actividad_maint.asp?s_keyword=&s_gramatica=&s_funciones=&s_cultura=Fiestas&Actividad_id=367

En el texto sobre la Semana Santa de Andalucía menciona algunos objetos y personas típicos de la Semana Santa andaluza.

A) Aquí tienes algunas fotos, relaciona las fotos con las palabras que te ofrecemos en el siguiente cuadro.

* Cruz de guía	* Faroles	* Penitentes	* Cofradía	* Acolito
* Palio	* Cirio	* Incienso	* Cristo	* Banda





b) Por último te mostramos algunas fotos de las personas que cargan estos pasos, se llaman cargadores o costaleros. ¿Cuál crees que es la diferencia entre ellos?



Cargador



Costalero

http://www.todoele.net/actividades/Actividad_maint.asp?s_keyword=&s_gramatica=&s_funciones=&s_cultura=Fiestas&Actividad_id=367

POWER POINT

Festividades de Semana Santa en países hispanicos

Programa de Intervención / Exposiciones
Análisis de textos / Música
2012

Similitudes

- Es una de las fechas conmemorativas más importantes entre las culturas occidentales.
- Es una fiesta móvil del calendario, viene después de la Cuaresma y culmina con la Vigilia Pascual.
- Celebra la Resurrección de Jesús Cristo cuando, después de su muerte, su alma volvió a unirse con su cuerpo.
- Uno de sus símbolos es la Cruz de la Resurrección.



La costumbre de la Quema de Judas

- En Valparaíso, Chile, según manda la costumbre, los niños reúnen sus trajes y ropas en desuso que son donados con el objetivo de elaborar un muñeco que representa al discípulo traidor Judas. Mientras esto sucede, los pequeños salen a las calles para pedir limosna a los turistas y habitantes del pueblo hasta reunir las monedas con las que fue comprado Judas.

Procesiones alusivas a la Pasión de Cristo



En América del Sur:
Venezuela



En España: Málaga

Semana Santa / Pascua

- La **Semana Santa** es la celebración anual cristiana de la **Pasión, Muerte y Resurrección** de **Jesús de Nazaret**, es decir, celebrar y recordar sus últimos días.
- Comienza el **Domingo de Ramos** y finaliza el **Domingo de Resurrección**.
- Se celebra la **pasión** en el **Viernes Santo**, se conmemora la Crucifixión de Jesús el **Viernes Santo** y la Resurrección en la Vigilia Pascual durante la noche del **Sábado Santo** al **Domingo de Resurrección**.
- La palabra Pascua, del hebreo "pesach", en griego "pascha" y en latín "pasche" – significa "paso": una transición anunciada por el equinoccio de la primavera.



Diferencias

- La Semana Santa se celebra con ritos, actividades, tradiciones y formas muy diferentes, variando según la región geográfica donde se realice.
- Vía Crucis / Quema de Judas / Misas / Procesiones de diferentes proporciones / Leyendas / Conejitos de chocolate / Huevos de Pascua / El cordero pascual, etc.



Quema de Judas en Chile

La Pascua como un espectáculo



América del Sur:
Argentina



En España: Sevilla

Celebraciones muy especiales

- ▶ Grandes procesiones, que se transforman en algunas ciudades en espectáculos inigualables.
- ▶ Suceden todos los días en diferentes horarios y con diferentes significados simbólicos.
- ▶ Se inician el viernes ANTES del Domingo de Ramos (Viernes de dolores) y terminan la mañana del Domingo de Pascua.
- ▶ Por encima de todo, resulta ser la VALORIZACIÓN DE LA TRADICIÓN CULTURAL.

Saeta popular Antonio Machado, poeta sevillano

- ▶ Dijo una voz popular:
**¿Quién me presta una escalera
para subir al madero
para quitarle los clavos
a Jesús el Nazareno?**

- ▶ ¡Oh, no eres tú mi cantar
no puedo cantar, ni quiero
a este Jesús del madero
sino al que anduvo en la mar



Vocabulario nuevo



Visiones de una misma festividad

La Pascua es una conmemoración muy importante en la vida del creyente, ella es sinónimo de liberación y se entiende como el inicio de nuevos rumbos, de una nueva caminata en dirección a una vida santa siguiendo el corazón de Dios.

**Huevos de Pascua
Conejos de Chocolate
Encuentro de Familia**

En casi todas las provincias de Argentina la Semana Santa es una época de procesiones, misas, Vía Crucis y teatralizaciones que recuerdan la muerte y resurrección de Jesús. Más allá de si se profesa o no el catolicismo u otro credo, es una buena razón para conocer las tradiciones y costumbres de cada pueblo, así como su geografía.

En nuestros días se identifica la conmemoración de la Semana Santa, como tiempo para el recogimiento espiritual, los viajes a los templos y la dramatización de pasajes bíblicos que rememoran la Pasión, Muerte y Resurrección de nuestro Señor Jesucristo.

La saeta es más conocida por su poder fúnebre durante la Semana Santa en España, y se ejecuta durante las procesiones por las cofradías que se mueven por las calles de las ciudades del Sur del país.

- ▶ Este poema en concreto trata un tema diferente, más cercano a las raíces andaluzas del poeta: una saeta popular sirve a Machado para reivindicar su idea de Jesús y de la religión, que nada tienen que ver con la oficial. El poeta no quiere cantar al Jesús crucificado, símbolo del sufrimiento y el martirio, sino al que anduvo en la mar, una imagen que evoca mucho más la libertad

La Semana Santa en España



Amando Martins



<http://www.youtube.com/watch?v=1RBUgecei8>

(canción “La saeta” de Serrat)

“La Saeta”

Dijo una voz popular:

¿Quién me _____ una escalera

para _____ al madero

para _____ le los clavos

a Jesús el Nazareno?

Oh, la saeta, el cantar

al Cristo de los gitanos

siempre con sangre en las manos,

siempre por _____

Cantar del pueblo andaluz

que todas las primaveras

_____ pidiendo escaleras

para _____ a la cruz.

Cantar de la tierra mía

que _____ flores

al Jesús de la agonía

y _____ la fé de mis mayores.

¡Oh, no _____ tú mi cantar

no _____ cantar, ni _____

a este Jesús del madero

sino al que anduvo en la mar!

http://www.todoele.net/actividades/Actividad_maint.asp?s_keyword=&s_gramatica=&s_funciones=&s_cultura=Fiestas&Actividad_id=367



Saeta al Cristo de los Gitanos

Dijo una voz popular:
¿Quién me presta una escalera
para subir al madero
para quitarle los clavos
a Jesús el Nazareno?

Oh, la saeta, el cantar
al Cristo de los gitanos
siempre con sangre en las manos,
siempre por desenclavar.

Cantar del pueblo andaluz
que todas las primaveras
anda pidiendo escaleras
para subir a la cruz.

Cantar de la tierra mía
que echa flores
al Jesús de la agonía
y es la fe de mis mayores.

¡Oh, no eres tú mi cantar
no puedo cantar, ni quiero
a este Jesús del madero
sino al que anduvo en la mar!

Joan Manuel Serrat (dedicada a Antonio Machado) con Camarón de la Isla

http://www.todoele.net/actividades/Actividad_maint.asp?s_keyword=&s_gramatica=&s_funciones=&s_cultura=Fiestas&Actividad_id=367



ANEXO 8

- Para ti, o que significa “cultura de uma língua estrangeira”?
- Diz o que sabes sobre a comemoração da Semana Santa em Espanha e nos países hispânicos? Dá a tua opinião, apresentando os teus gostos sobre estes costumes.
- De que modo contribuem para a tua aprendizagem as aulas sobre a cultura espanhola? (conhecer melhor o país vizinho; saber mais sobre cultura/aspectos culturais dos países onde se fala espanhol; maneira mais interessante e divertida de aprender a língua e cultura hispana; melhorar os meus conhecimentos de língua espanhola.)

This image shows a blank sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

98

MACRO-CATEGORIAS: A CULTURA DOS PAÍSES HISPÂNICOS		
Categorias	Subcategorias	Exemplificação
A.1 Significado da Cultura de uma língua estrangeira	A.1.1 Hábitos	A.1.1.a “Saber os costumes, a língua, gastronomia sobre esse país estrangeiro”. A.1.1.b “Tem a ver com o modo de vida e as tradições desse país”. A.1.1.g “É quando sabemos os gostos, os costumes e a forma de falar de um país que não seja o nosso” A.1.1.i “É uma cultura com tradições e costumes completamente diferentes do nosso país”.
	A.1.2 Contraste intercultural	A.1.2. f “Aquilo que nós sabemos sobre uma língua que não seja a nossa” A.1.2.g “É quando sabemos os gostos, os costumes e a forma de falar de um país que não seja o nosso” A.1.2.i “É uma cultura com tradições e costumes completamente diferentes do nosso país”.
	A.1.3 Curiosidade e valorização cultural	A.1.3.e “Devia ser para toda a gente: Uma curiosidade”. A.1.3.j “Tem a ver com a riqueza e diversidade da língua”
	A.1.4 Alargamento cultural	A.1.4.c É cultura de um país, que seja estrangeiro, como por exemplo Espanha...A cultura de Espanha”. A.1.4.h “Significa conhecer melhor esse país, saber como agir, reconhecer e respeitar essa cultura”.
A.2 A Semana Santa		
A.2.1. Comemoração da Semana Santa em Espanha e nos países hispânicos	A.2.1.1 Sentimento religioso	A.2.1.b “Tem um significado muito importante para o povo, uma vez que é um país muito católico”. A.2.1.f “É um momento onde nós os cristãos nos redimimos pelos nossos pecados, rezamos pela morte de Jesus e festejamos a sua ressurreição beijando a cruz em nossas casas. As procissões costumam variar consoante os santos de cada país, a maneira de ir vestido na procissão e o festejo das sextas-feiras santas nas quais não se pode comer carne ”.
	A.2.1.2 Contraste cultural religioso	A.2.1.i “É uma comemoração ... em que há muitas procissões e diferentes festejos, tudo depende do país em que vivermos, porque apesar de haver muitas semelhanças entre as várias celebrações, há também muitas diferenças”.
	A.2.1.3 Curiosidade	A.2.1.c “Sou sincera: não sei nada mas gostaria de saber como se festeja”.
	A.2.1.4 Conhecimento cultural religioso	A.2.1.g “Celebra a morte e ressurreição de Jesus cristo...é celebrada através de procissões”
	A.2.1.5 Desconhecimento	A.2.1.a “Não sei”. A.2.1.c “Sou sincera: não sei nada mas gostaria de saber como se festeja”. A.2.1.d “Não sei muito... ”. A.2.1.e “Não sei muito sobre a Semana Santa”. A.2.1.h “ Não sei muito sobre a Semana Santa...” por isso não posso comentar os seus costumes”. A.2.1.j “Não sei nada”
	A.2.2.1 Sentimento religioso	A.2.2.f “Gosto muito de festejar esses dias pois sou católico e adoro e amo Jesus cristo”.

	A.2.2.2 Contraste intercultural	<i>A.2.2.g “É muito importante tanto em Portugal, em Espanha como no resto do mundo”. A.2.2.i “Penso que é sempre muito enriquecedor para o nosso conhecimento a aquisição de novas culturas e aprendizagens sobre países de língua estrangeira, penso que a melhor maneira de diferenciar um país é pela sua cultura, porque a cultura ... por ser uma característica diferente de um país em relação aos outros”</i>
	A.2.2.3 Sensibilidade lúdica	<i>A.2.2.e “Mas sei que vale a pena ir passar férias lá para ver os seus espetáculos”. A.2.2.j “Acho que deve ser divertido”.</i>
	A.2.2.4 Conhecimento	<i>A.2.2.i “Penso que é sempre muito enriquecedor para o nosso conhecimento a aquisição de novas culturas e aprendizagens sobre países de língua estrangeira, penso que a melhor maneira de identificar um país é pela sua cultura, porque a cultura ... por ser uma característica diferente de um país em relação aos outros”</i>
	A.2.2.5 Desconhecimento	<i>A.2.2.a “Não sei”. A.2.2.c NR A.2.2.d NR A.2.2.h “por isso não posso comentar os seus costumes”.</i>
A.3 Contribuição das aulas para a aprendizagem	A.3.1 Alargamento de conhecimento	<i>A.3.1.a “Contribuem para não tornar a aula “uma seca” e para melhorar os conhecimentos de língua espanhola” A.3.1.d “Acho que aprendermos sobre a cultura e costumes espanhóis nos vão ajudar a entender como se vive na Espanha e acho que aprender e conhecer a cultura espanhola é uma maneira das aulas serem mais interessantes. A.3.1.f “Eu gosto muito de Espanha e da sua cultura, essas aulas servem para por em prática o nosso conhecimento, e para aprendermos mais sobre a Espanha e que em alguns sítios o espanhol fala-se de maneira diferente como em Portugal”. A.3.1.j. “...de modo a conhecer melhor o país vizinho, maneira mais interessante e divertida de aprender a língua e cultura hispânicas e melhorar os conhecimentos de língua espanhola”.</i>

MACRO-CATEGORIAS: A CULTURA DOS PAÍSES HISPÂNICOS		
Categorias	Subcategorias	Exemplificação
A.1 Significado da Cultura de uma língua estrangeira	A.1.1 Hábitos	A.1.1.a "...são os costumes e hábitos que os países diferentes do meu, com idiomas e talvez características diferentes". A.1.1.b "...é conhecer novos costumes..." A.1.1.c "...significa aprender os costumes dessa língua, as tradições e como os comemoram" A.1.1.g "...significa os costumes, a forma de falar, os hábitos, as tradições de outro país diferente do que habitamos".
	A.1.2 Contraste intercultural	A.1.2.a "...costumes e hábitos que os países diferentes do meu, com idiomas e talvez características diferentes". A.1.2.c "...e como comemoram" A.1.2.g "...as tradições de outro país diferente do que habitamos". A.1.2.i "...é uma língua diferente da nossa de Portugal"
	A.1.3 Curiosidade e valorização cultural	A.1.3.c "...aprender os costumes ...as tradições e como comemoram".
	A.1.4 Alargamento cultural	A.1.4.b "...conhecer novos costumes, uma nova língua e novas comidas". A.1.4.c "...significa aprender os costumes dessa língua, as tradições e como as comemoram". A.1.4.d "...significa a maneira como certas coisas são vividas nesses países ou línguas".
	A.1.5 Sensibilidade intercultural	A.1.5.h "...é algo que se aprende lentamente e que é preciso conviver com ela várias vezes, ou diariamente para a conhecer, compreender e respeitar, acima de tudo".
	A.1.6 Desconhecimento	A.1.6.e NR A.1.6.f NR A.1.6.j NR
	A.1.7 Gastronomia	A.1.7.b "...e novas comidas"
A.2 A Semana Santa		
A.2.1. Comemoração da Semana Santa em Espanha e nos países hispânicos	A.2.1.1 Sentimento religioso	A.2.1.1.a "...é a comemoração anual e cristã da paixão, morte e ressurreição de Jesus..." A.2.1.1.b "...é uma celebração anual cristã..." A.2.1.1.c "...é que é uma grande festa cristã de grande tradição religiosa para Espanha". A.2.1.1.d "...em Espanha é muito intensa, é uma festa Cristã de grande tradição religiosa em Espanha e nos países hispânicos". A.2.1.1.f "...é a celebração anual cristã de paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo..." A.2.1.1.g "...é uma festa cristã com uma grande tradição religiosa" A.2.1.1.i "...é uma celebração anual Cristã que celebra a morte e ressurreição de Jesus de Nazaré..." A.2.1.1.j "...é uma festa cristã de grande tradição religiosa em Espanha e na América Latina".
	A.2.1.2 Contraste cultural religioso	A.2.1.2.c "A forma de tradição é muito distinta segundo a região". A.2.1.2.e "...La forma de celebrarlo es muy distinta, según la región. En Andalucía la gente lanza piropos a las imágenes. Prima el lujo, la luz y el calor. Mujeres y hombres cantan con voz trágica saeta de los balcones y las aceras. Sin embargo, en Castilla predomina el silencio, la sencillez y la austeridad.

		<p>A.2.1.2.f “...celebra-se de maneiras diferentes ao longo do mundo mas com o mesmo objectivo”.</p> <p>A.2.1.2.g “...celebra-se de variadas maneiras...”</p> <p>A.2.1.2.h “Festeja de muitas maneiras diferentes...”</p> <p>A.2.1.2.i “...actividade e tradições muito diferentes...” “As tradições de Espanha são muito parecidas às de Portugal”.</p> <p>A.2.1.2.j “Não se festeja de igual modo em todos os lugares em quase em todos os países de fala espanhola coincidem na comemoração da vida, paixão, morte e ressurreição de Jesus de Nazaré”. “Há também amostras de religiosidade popular, como procissões e representações da Paixão, ritos, tradições, que variam e são muito diferentes de país para país onde sejam realizadas”.</p>
	A.2.1.3 Curiosidade	
	A.2.1.4 Conhecimento cultural religioso	<p>A.2.1.4.a “:::Começa no Domingo de Ramos e acaba no Domingo de Ressurreição e em alguns lugares no “viernes de Dolores”. Esta dá-se seguida à Quaresma, nesta fazem-se vários rituais religiosos, como procissões, queimas de Judas e alguns aproveitam os dias de férias para fazer turismo e conhecer outras culturas”.</p> <p>A.2.1.4.b “...Começa no Domingo de Ramos e finaliza no Domingo de Ressurreição. A Quaresma é o início deste período, que finaliza na Semana de paixão. Na quinta-feira Santa celebra-se a eucaristia, na sexta-feira a crucificação de Jesus, de sábado para domingo celebra-se a ressurreição de Jesus. A maior parte da população espanhola é católica. Durante a semana santa têm muitas amostras de religiosidade popular em todo o mundo, destacamos as procissões e a representação da paixão. Em Espanha, em “Andalucía” ocorre um espectáculo muito peculiar. Esta enche-se de gente. Todo o mundo sai de casa com as suas melhores roupas para ver a confraria. Cada uma realiza uma procissão pelas ruas da cidade saindo da sua igreja até chegar à catedral de Sevilha, fazendo de seguida o trajeto inverso. As maiorias das procissões ocorrem acompanhadas de uma banda de música ou em silêncio. Esta começa com uma cruz de guia, acompanhada de lado com padres e acompanhadas com pilhas de penitentes e nazarenos. Podemos descobrir uma grande riqueza artística. O contraste entre as cores simples dos círios com o colorido das túnicas dos nazarenos e da música das bandas com tambores e cornetas. Nas diferentes regiões geográficas onde se realiza a semana santa, esta tem ritos, actividades, tradições e formas muito diferentes, mas todas comemoram a vida, paixão, morte e a ressurreição de Jesus. A Semana Santa teve origem na Idade Média. Desde então têm ocorrido momentos de esplendor e outros de menos esplendor. Isto junto com o cheiro do incenso e da flor da laranjeira desperta um sentimento de leveza e privilégio àqueles que aí se encontram.</p> <p>A.2.1.4.c “Começa por Domingo de Ramos quando recordam a entrada de Jesus cristo em Jerusalém na quarta-feira de cinzas. Depois é a Paixão de Cristo que é a morte e a ressurreição”.</p> <p>A.2.1.4.d “Compõe-se em duas partes: a primeira é o Domingo de Ramos que é quando se recorda a entrada de Jesus Cristo em Jerusalém. E a segunda parte comemora-se os seguintes acontecimentos que são a morte e a ressurreição de Cristo. Em certos lugares há desfiles de andores que chegam a pesar 2.500 Kg que são acompanhados por bandas que vão com túnicas de várias cores que simbolizam as várias irmandades, estas pessoas</p>

<p>A.2.2. Opinião sobre as comemorações da Semana Santa</p>		<p>vão também com a cara tapada com vergonha do acto que cometeram que foi levar Cristo à morte”.</p> <p>A.2.1.4.e “Se compone de dos partes: la Primera, el Domingo de Ramos, cuando se recuerda la entrada de Jesús Cristo en Jerusalén al Miércoles de Ceniza. La segunda parte en la que se rememoran los siguientes acontecimientos: La Pasión de Cristo, (Jueves Santo), la Muerte (Viernes Santo) y la resurrección de Cristo (Domingo de Resurrección).</p> <p>A.2.1.4.f “É a celebração anual cristã da paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo, ou seja, recordar e celebrar os seus últimos dias. Começa no Domingo de Ramos e acaba no Domingo de ressurreição. Esta celebra-se de maneiras diferentes ao longo do mundo mas com o mesmo objectivo. Em Espanha, nesta época, chegam numerosos turistas estrangeiros. Esta é composta por duas partes: a primeira vai desde Domingo de Ramos até quinta-feira de cinzas e a Ressurreição (domingo). A forma de celebrá-lo é diferente: em “Andalucía” vê-se o luxo, a lei e o calor. Homens e mulheres cantam “saetas”, mas em “Castilla” predomina o silêncio, a simplicidade e a austeridade. Em Valladolid, Zamora o Salamanca, entre milhares de pessoas são os “costaleiros” que carregam os grandes andares.</p> <p>A.2.1.4.g “...Comemora-se o Domingo de Ramos, a passagem de Cristo, a sua morte e Ressurreição. Nos países hispânicos celebra-se de variadas maneiras como as procissões, festas e alegria e noutros lados com silêncio...</p> <p>A.2.1.4.h “Nos vários países hispânicos festejam de muitas maneiras diferentes, mas no geral centraliza-se em procissões, com trajes típicos (cobertos da cabeça aos pés, para mostrar a sua vergonha na morte de Jesus), com grandes velas e sempre com bandas a tocar e pessoas a assistir. Alguns países hispânicos festejam com tristeza e com cânticos melancólicos enquanto outros com grande alegria. Também se festejam com muitas “saetas”.</p> <p>A.2.1.4.i “...Esta começa no Domingo de Ramos e acaba no domingo de Ressurreição. Algumas tradições espanholas são o Domingo de Ramos quando se recorda a entrada de Jesus Cristo em Jerusalém, a quarta-feira de cinza entre muitas outras tradições. A Semana Santa não se celebra da mesma maneira em todos os países, tem-se ritos, actividade e tradições muito diferentes. A celebração de procissões na Semana Santa tem origem no final da Idade Média. As tradições de Espanha são muito parecidas às de Portugal”.</p> <p>A.2.1.4.j “...Começa com a Quaresma, finaliza com a Semana da Paixão: festeja-se a Eucaristia na quinta-feira santa; comemora-se a Crucificação de Jesus na sexta-feira santa e a Ressurreição na Vigília Pascoal durante a noite de sábado santo para Domingo de Ressurreição.</p>
	<p>A.2.1.5 Desconhecimento</p>	
	<p>A.2.2.1 Sentimento religioso</p>	<p>A.2.2.1.e “...Es una fiesta cristiana de gran tradición religiosa en España y en Hispanoamérica”.</p> <p>... “es muy importante por ser religiosa”.</p> <p>A.2.2.1.f “Gosto muito de todos os costumes, pois sou cristão durante a Semana Santa ... muito luto a Jesus. Mas tudo o que nós fazemos só servira para acrescentar mais um grãozinho de areia para algum dia conseguirmos agradecer-lhe completamente a grande “praia” que Ele fez por nós”.</p> <p>A.2.2.1.i “...o que eu mais gosto dos costumes da Semana Santa são as procissões, o Domingo de Ramos e a quarta-feira de</p>

		<i>cinzas”</i>
	A.2.2.2 Contraste intercultural	<i>A.2.2.2.h “Nos países hispânicos a Semana Santa é algo de muita importância e que cativa muitos estrangeiros”. A.2.2.2.e “...Son muy bonitas las diferentes maneras que celebran la Semana Santa en los países que hablan español. La que me gusta más es la celebración en España.”</i>
	A.2.2.3 Sensibilidade lúdica	<i>A.2.2.3.e “Hasta España llegan en esta época numerosos turistas extranjeros, ya que esta fiesta se ha convertido en una gran manifestación cultural y artística”.</i>
	A.2.2.4 Conhecimento	<i>A.2.2.4.i “o que eu mais gosto...das procissões, o Domingo de Ramos e a quarta-feira de cinzas”</i>
	A.2.2.5 Desconhecimento	<i>A.2.2.5.a NR A.2.2.5.b NR A.2.2.5.c NR</i>
	A.2.2.6 Poder	<i>A.2.2.6.g “...acho muito importante a celebração da Semana Santa”.</i>
A.3 Contribuição das aulas para a aprendizagem	A.3.1 Alargamento de conhecimento	<i>A.3.1.a “...contribuí muito para a minha aprendizagem...” A.3.1.b “...Conhecendo a sua cultura, ritos, actividades, costumes, ficamos a saber mais termos comuns. Sendo Espanha o nosso país vizinho ter conhecimentos sobre os seus usos e costumes para uma melhor confraternização”. A.3.1.c “...contribuí muito..., pois ficamos a conhecer novas tradições e culturas pois se estamos a aprender uma língua devemos saber coisas sobre ela”. A.3.1.d “...são muito importantes pois podemos aprender coisas sobre a cultura Espanhola que são importantes para nós”. A.3.1.g “São importantes para mim pois é uma forma de aprender outro tipo de cultura, de língua, de costumes”. A.3.1.h “...contribuem para conhecer os países hispânicos e melhora a minha cultura”. A.3.1.i “...são muito boas porque assim ficamos a saber mais sobre o nosso país vizinho”.</i>
	A.3.2 Afetividade	<i>A.3.2.i “...São muito boas...”.</i>
	A.3.3 Curiosidade e valorização cultural	<i>A.3.3.d “...são muito importantes para nós”. A.3.3. g “aprender... cultura, língua, costumes”.</i>
	A.3.4 Construção de Relações Interpessoais	<i>A.3.4.b “.....ter conhecimentos sobre os seus usos e costumes para uma melhor confraternização”</i>
	A.3.5 Contraste intercultural	<i>A.3.5.a “...pois fiquei a saber que existem muitos países que falam espanhol e festejam a Semana Santa de forma diferente com muitas tradições distintas umas das outras”. A.3.5.b “...aprender uma língua diferente da nossa é mais fácil quando conhecemos o seu país de origem...” A.3.5.g “...aprender outro tipo de cultura...”</i>
	A.3.6 Desconhecimento	<i>A.3.6.e NR A.3.6.f NR</i>